

Nova vida. Velho centro.

A metamorfose do centro histórico do Porto a partir do Largo São Domingos.

Daniel Jorge Castro Figueiredo

Orientador - Professor Doutor Álvaro Domingues
Dissertação de Mestrado em Arquitetura

AGRADECIMENTOS.

Devo muitos, mas gostava de agradecer especialmente às minhas famílias, amigos e companheiros de viagem que me mantiveram em curso e acreditaram mais que eu. Agradeço também a contribuição imprescindível do professor Álvaro Domingues que me guiou pelos momentos mais turbulentos.

RESUMO.

O encontro entre o turismo e a cidade desenha um novo espaço de estudo. Esta intersecção implica diferentes processos. Uma conversão dialética que transforma o lugar “cidade” em lugar “destino”; define imaginários e expectativas e consequentemente a readaptação do lugar sobre novas lógicas. Procedemos ao estudo de um lugar que atravessa este processo de transformação, com uma metodologia que pretende ser inclusiva de todas as transformações possíveis de observar. O resultado é a criação de um trabalho exaustivo sobre o lugar que funciona como “efeito demonstração”. Este, serve para organizar um conjunto de interpretações que procuram contribuir para a compreensão das diferentes formas que o processo toma na conversão da “cidade” em “destino”.

PALAVRAS-CHAVE.

Turismo, Centro- Histórico, Metamorfose, Airbnb, Entretenimento, Cidade Genérica.

ABSTRACT.

The meeting between tourism and the city designs a new area of studies. This intersection produces different processes. Firstly, the dialectic conversion from the place “city” in the place “destination”; which defines imaginaries and expectation, that in turn, readapt the city under new logics. We proceeded with the observation of a specific place undergoing this transformation, trying to include every single one. The result is the creation of an exhaustive work with the objective of creating an “demonstration effect”. This tries to create and organize a collection of interpretations that contribute to the understanding of the different processes taking place in the conversion from “city” to “destination”.

KEYWORDS.

Tourism, Historical Center, Metamorphosis, Airbnb, Entertainment, Generic City.

SUMÁRIO.

Introdução	15
Era uma vez uma polémica	21
[PRE]FÁCIO - Uma Abordagem Discursiva	23
[1.0] A Cidade converte-se em destino	25
[2.0] Colocar o Porto no mapa	31
[3.0] Aprender com o Largo São Domingos	39
O Caderno	43
Espaço público	45
Fachada	68
Interiores	84
[4.0] Uma Interpretação Possível	101
[POS]FÁCIO - Metamorfoses	111
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	115
REFÊRENCIAS ICONOGRÁFICAS	117

INTRODUÇÃO.

“Para um arquitecto, aprender da paisagem existente é uma maneira de ser revolucionário.” (Venturi et al, 1977)

Com esta dissertação pretende-se explorar as transformações no Porto associadas às atividades turísticas. Procura ser uma representação do momento que atravessa a cidade. Principalmente procura colocar as perguntas, que tendo ou não resposta, vão sem dúvida informar o futuro da cidade.

A cidade do Porto, e mais especificamente o seu centro histórico, estão num rápido processo de transformação. Uma espécie de “renascimento” que pode produzir alterações superficiais (fachadismo) ou intervenções de maior escala que transformam tanto o edificado como o espaço público. Cidade essa que é mal compreendida, cheia de palavras e significados que a escondem numa névoa que torna difícil discernir exatamente o que é este novo lugar. Precisa-se de ferramentas de leitura para absorver a semiótica do espaço urbano.

Da mesma forma que seria necessário compreender a “faina fluvial” para compreender a cidade do Porto ao longo dos séculos, agora vemos o turismo a ocupar esse lugar como elemento que reúne em si mesmo ou em contexto de relação, a maioria dos processos de transformação urbana no centro histórico do Porto.

[0.1] OBJETO E CONTEXTO.

O presente trabalho pretende entender a alteração na cidade do Porto associada à recente expansão e alteração dos fenómenos ativados pelo turismo. A criação de novos lugares sobre os lugares existentes, a transformação total do edificado, dos usos de espaços públicos e em muitos casos, dos usuários. Assistimos à transformação drástica e total do centro histórico do Porto para um filão de extração de riqueza e motor de crescimento do Porto apoiado numa monocultura turística.

Todavia, existe a necessidade de manter algo do que era; procura-se o equilíbrio nesta tensão entre os valores clássicos de áreas antigas e classificadas (Património Mundial pela UNESCO, 1991), e os “simulacros” ou “cenários” que habitualmente os destinos turísticos provocam.

Neste entrelaçar de lógicas aparentemente opostas vive o Porto, entre a modernização e conservação. Entre o olhar em frente e o atrás. E é este lugar que se pretende ilustrar nesta dissertação. Uma transição. Um intermédio.

O objetivo é tirar um instantâneo do momento que vive a cidade, das transformações urbanas e da readaptação da cidade a uma nova economia, mas também do lugar, da rua, da praça. Compreender como os lugares do Porto se transformam apesar da sua morfologia ser a mesma. Propõe-se um olhar sobre cidade para além das suas fachadas para perceber que temas se encontram escondidos pelas mesmas. Que pistas podemos encontrar para ilustrar os futuros quando esquecemos que era a cidade do passado. Como se constroem novas imagens e imaginários urbanos?

[0.2] METODOLOGIA.

Esta dissertação começa por contextualizar o turismo urbano; o estudo sobre o turismo e a sua evolução ao longo do tempo. Este enquadramento pretende ser a introdução de vários temas que serão explorados no trabalho, apresentar diferentes teorias sobre o turismo e a sua relação com conceitos como urbano e lugar.

Em segundo lugar, é necessário contextualizar também o Porto na sua relação com esta atividade. Procura-se estudar aqui os últimos anos da cidade, o seu período de decadência e os seus momentos; as intervenções da CRUARB; a UNESCO; Porto 2001; Metro; até ao momento de hoje onde apesar das viagens low-cost, da Airbnb e da expansão hoteleira; os marcos do período de decadência continuam a ver-se nas taxas, IMI e licenças que agora alimentam o ponto com maior investimento imobiliário da cidade do Porto. Este é o momento de aparente contradição que se nos apresenta.

Após a contextualização a fase de reunir informação tanto de meios tradicionais como através de plataformas online que disponibilizem dados georreferenciados, que fornecem imagens fragmentadas da cidade. Contudo, quando visto no seu conjunto, pode dar-nos uma janela para uma cidade que não vemos normalmente. Airbnb, Tripadvisor com localização de estabelecimentos comerciais, informação da Porto Vivo sobre os espaços com projetos de reabilitação e mapas de Eric Fisher com bases de dados do flickr que organiza fotos georreferenciadas. Todos estes mapas ilustram uma nova cidade.

Este método permite-nos um confronto direto com o lugar, sem mediação. Um método que pretende a todo o momento ser o confronto do discurso teórico, e em certos momentos, a sua negação total.

De maneira a permitir este método, a seleção de um espaço laboratório era fundamental para poder controlar essa informação. O espaço laboratório, o Largo de S. Domingos, selecionado a partir da observação das dinâmicas relacionadas com a concentração de atividades turísticas, transformação da envolvente construída e espaço público, é assim fundamental para conseguir a aproximação ao lugar e permitir a observação de tudo aquilo que não é aparente desde o mapa. De seguida, procede-se à observação do estado atual do local (depois de alterações profundas de espaço público e entorno construído). A esta escala é então trabalhada toda a informação observável, tal como aquela que nos apresenta a internet e é então tratada de forma a identificar os processos, as semelhanças, as contradições. As complexidades do lugar urbano contemporâneo.

Para terminar, o confronto entre a literatura e o estudo de caso representa o objetivo deste trabalho, o que pode no melhor dos casos, indicar-nos os caminhos e os temas que serão pertinentes nos debates que sem dúvida se farão sobre o que vai ser esta cidade.

**ERA UMA
VEZ UMA
POLÊMICA.**

“A cerca de 300 quilômetros de distância de Lisboa, ao Norte de Portugal, está o Porto, a segunda maior cidade e também uma das mais antigas do país. Situada à margem direita do Rio Douro, o destino encanta à primeira vista pela mistura do concreto das construções antigas com paisagens naturais de tirar o fôlego, pela história, gastronomia de primeira, atrações para todos os públicos e também pela receptividade com o turista.

Andar pelas charmosas ruelas do Porto, inclusive, é como revisitar o passado. Ao caminharmos pelo calçamento de paralelepípedos e nos deslumbrarmos com tamanha beleza, sentimos o verdadeiro espírito do destino que, em 1996, teve o seu centro histórico reconhecido como Patrimônio da Humanidade pela Unesco (basicamente, até os limites da Muralha Medieval).

E por falar em paisagens bonitas, daquelas de deixar qualquer um de queixo caído, não podemos deixar de mencionar aqui as famosas pontes do Porto, construções que possibilitam a contemplação da cidade nas mais diversas horas do dia. Entre elas está a ponte ferroviária Maria Pia (1877), projetada por ninguém menos do que o francês Gustave Eiffel.

Outra ponte bem conhecida é a rodoviária Luís I - cuja estrutura foi finalizada por um estudante de Eiffel. Lembrando que a visita ao Porto não fica completa sem que o turista utilize a estrutura para fazer a travessia até “o outro lado” do Rio Douro, onde está Vila Nova de Gaia, um município onde se encontram caves do vinho do Porto, como a Sandeman, a Taylor e a Cálem. Locais que promovem passeios monitorados todos os dias e onde o visitante terá uma boa noção de tipologia, métodos de fabricação e sabor do vinho.”¹

(<https://guia.melhoresdestinos.com.br/porto-158-c.html>)

[PRE]FÁCIO.

UMA ABORDAGEM DISCURSIVA.

Turismo ou não turismo? A questão parafraseada que inicia o livro de Jean Didier Urbain (1993) “El idiota que viaja” introduz a dualidade do momento atual do turismo. O turismo é um fenómeno social e económico com enorme impacto na contemporaneidade. Observado de uma posição como um elemento destruidor de ambos, história e cidade, e de outra, o enorme sucesso que salvou a “cidade”.

Pode afirmar-se que o turismo é uma atividade de crescentes complexidades, ganhando espaço fora da sua área de estudo inicial, a economia, e ganhando terreno na antropologia, sociologia, geografia, urbanismo e ecologia. A expansão dos estudos turísticos são sumarizados por Raoul V. Bianchi (2009) como “Critical Turn”, que marca o fim do positivismo e o princípio do “negativismo”. A sua “verdade” é alvo de constante debate, polémica e conflito. É, neste contexto, necessário explorar o discurso como elemento central do estudo sobre o fenómeno. Parafraseando Bruno Latour, o turismo é aquilo que se fala quando se fala de turismo.

Para este efeito, propõe-se a abertura de uma pequena brecha no discurso de forma a compreender as, cada vez mais, intersecções entre o turismo e o urbanismo. Como propõe Mathis Stock (2007), a cidade atravessa uma “recreational turn”. Uma transição que traz um novo foco funcional ao espaço urbano: o lazer e o entretenimento. Esta discussão resume-se normalmente ao rótulo de “turismo urbano” ou “turismo cultural”. Estas definições apenas nos esclarecem uma atividade (o turismo, algo cada vez mais diverso) e um lugar (a cidade, uma classificação esgotada) (Stock, 2007). O autor afirma ser essencial a relação entre o lazer e a cidade. Deve-se procurar perceber as “práticas, as atividades económicas, assim como o “gaze” (Urry, 1990). Urry afirma que os lugares visitados por turistas são alvo de um “tourist gaze”, no qual o turista é “dirigido a características da paisagem que as separam da experiência quotidiana. Tais características são olhadas porque de certa forma são consideradas como extraordinárias” (1990, p.100). Contudo, outros manipulam o turista e os lugares olhados “para que o “gaze” caia sobre o que o “gazer” espera olhar. Sendo assim, o “tourist gaze” é uma característica que manipula e estrutura os seus focos, assim como transforma a perceção de outros atores - indivíduos, legisladores, investidores ou presidentes da câmara – sobre o lugar, que é também informada pelas suas qualidades ou potencialidades como espaço de lazer (Stock, 2007). Como alerta Maccannell (2015, p.5), “os agentes turísticos locais, planeadores, políticos e empreendedores baseiam decisões que alteram profundamente a sociedade local e o espaço físico a partir daquilo que acreditam que os turistas desejam.” O resultado é a criação de parques temáticos/simulacros que refazem grandes setores do espaço urbano.

Observa-se a necessidade de olhar o fenómeno em duas partes: primeiro pelo discurso que é motivado na criação e manutenção do “destino” (processo de globalização do lugar, baseado no ‘branding’ urbano e no relato de lugares/experiências/ambiências) e, em segundo, os processos em que o discurso influencia a transformação de lugares específicos (o novo papel do lazer e a adaptação ao desejo e expectativas do “outro”).

1. Exemplo de um discurso montado para comunicar motivos de visita da cidade do Porto; explorado em pormenor no seguinte capítulo.

[1.0]
A CIDADE CONVERTE-
-SE EM DESTINO.

Antes de explorar os processos de conversão, é necessário a contextualização dos conceitos de “cidade” e “destino”. O conceito de “cidade” é, isoladamente, já difícil de definir. Como se discute cidade dentro do contexto de urbanização extensiva e fragmentária atual? Como se discute cidade sem discutir algo que não o é? Existem suficientes fatores diferenciadores para definir a cidade face a outros processos de urbanização? Podemos falar de uma cidade sem limite? Onde se insere o “centro histórico” no debate alargado sobre a cidade?

Pode a palavra “cidade” fazer parte do mesmo imaginário que concebe o “destino”. Serão ambos ideológicos? Lefebvre (1970) sugere: “O conceito de cidade já não corresponde a um objeto social. Sociologicamente é um “pseudoconceito”. Contudo, a cidade como existência histórica é impossível de ignorar. (...) Dito assim, o “objeto sociológico real” é uma imagem e acima de tudo, uma ideologia!”. O autor argumenta que a cidade é hoje, em simultâneo, um fenómeno histórico (como a cidade industrial ou mercantil) e uma representação contemporânea (imagem ou conceito de cidade). “As verdades sociológicas históricas podem tornar-se as ideologias de hoje.” (Wachsmuth, 2013 p. 75).

Existem, porém, duas particularidades interessantes na relação entre “cidade” e “destino”:

Em primeiro, a cidade como sistema contido em si mesmo, com uma comunidade igualmente limitável e controlável. Esta delimitação permite o estudo de fenómenos internos a este limite, e posteriormente subdivididos em diversas áreas de estudo (Wachsmuth, 2013). No entanto, o turismo atua necessariamente numa subdivisão distinta, entre “a localidade (ou região) por inteiro (sem preocupações de como pode ser dividida internamente) e o resto da humanidade representada pelo desejo do turista” (Maccannell, 2015, p.7). Oakes (2005) argumenta contra a conceção de “lugar” como uma entidade delimitável. Pelo contrário, sugere um reposicionamento onde o “lugar” é constituído pelo diálogo entre turistas, locais e interessados por ele. Esta reformulação do conceito de lugar abre as portas para novas formações espaciais e novos sujeitos. O desafio consiste na revolução que implica imaginar a humanidade sem limites e fronteiras que, até agora, foram essenciais para compreender as suas dinâmicas internas.

Em segundo, a cidade como “ideal-tipo” está na base de um conjunto de mecanismos que equiparam diferentes processos urbanos sobre o marco de “cidade”, e como consequência principal – a competitividade urbana. A comparação e competitividade entre espaços urbanos requer o olhar sobre estes como processos similares, onde políticas similares podem ser postas em marcha e soluções ser aplicadas de forma generalizada. Este aspeto ascende sobre o “marco neoliberal” que tende a valorizar a competição entre cidades. Aqui a “cidade” funciona como um tipo específico de empresa que compete em mercados similares (habitantes qualificados, visitantes, investimento, imagem) (Wachsmuth, 2013).

Podemos então afirmar que a cidade subsiste como uma ideia, não como um objeto real. (Sayer, 1984) Mas, como conceito continua a ser utilizada como mediadora entre os cada vez mais complexos fenómenos de urbanização e a nossa percepção deles (Wachsmuth, 2013).

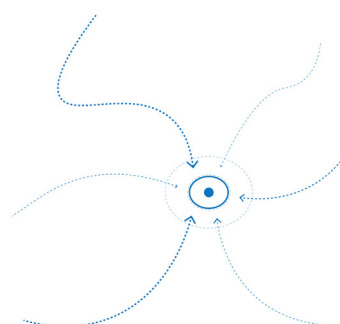
A exploração do “destino” apresenta-se igualmente complexa. O destino é um imaginário, construído através de relatos, imagens e experiências organizado em simultâneo por agentes públicos e privados, que trabalham nessa criação que se associa a um lugar “real”, sem exatamente o representar.

Esta criação narrativa é hoje necessária, ou mesmo obrigatória. O mundo globalizado exige que, por parte dos municípios e estados, se criem elementos narrativos de marketing e “branding” que organizem os elementos e as mensagens a ser comunicadas a uma plateia planetária. O turismo é o elemento mais visível, contudo, a competição abrange todos os elementos considerados atrativos para a economia contemporânea (investimento e investidores, empresas, criativos) e tem como objetivo relembrar constantemente a presença deste lugar num mundo rápido e distraído que se organiza num número pequeno de “global cities” (Sassen, 1991)², um grupo de lugares que ascendem temporariamente (eventos, crescimento económico, conjuntura internacional) e os espaços fora do discurso global (por exemplo, os ‘fly-over states’ do interior dos Estados Unidos).

O objetivo deste processo é a inclusão do lugar no discurso e representar uma imagem positiva e um imaginário atrativo. Cumprido este propósito, forma-se uma nova centralidade global específica, neste caso uma “centralidade turística” (Stock, 2007), que pertence a um plano de mobilidade globalizado que move viajantes entre os diferentes “pontos”³ no mapa.

Os efeitos locais desta nova atratividade não devem ser negligenciados. A introdução de uma importante centralidade de lazer e divertimento num território, especialmente tendo ele outras centralidades urbanas, pode criar ruturas com os sistemas existentes para a vida quotidiana. A adaptação aos desejos de uma nova área de negócio implica o ajustamento a modelos já formados, como novos locais de divertimento e vida noturna, experiências gastronómicas, presença da denominada arte urbana, novos comércios dedicados ao viajante. Este novo carácter lúdico que a cidade precisa reforçar, assim como a necessidade de dar abrigo a uma população móvel com diferentes necessidades e desejos, é o motor para um novo processo de urbanização que é o alvo de estudo deste trabalho. Podemos defini-lo como um modelo específico de urbanização cujo objetivo é abrigar uma população que habita o lugar temporariamente, que se organiza por itinerários que conectam pontos atrativos que devem visitar obrigatoriamente e uns espaços intermédios que devem corresponder a uma expectativa lúdica e de entretenimento.

2. Saskia Sassen, em 1991, utiliza o termo cidades globais para nomear as cidades onde as grandes praças dos mercados financeiros se organizam, contudo, o termo é banalizado para referir cidades com funções de operação e gestão global para muitos dos setores económicos atuais.



3. Representação gráfica da definição de uma centralidade global. Define-se o ponto polarizador que atrai atenção e visitas. Posteriormente o poder atrativo do ponto expande para áreas próximas. Ex. viagens pelo rio Douro.

[1.1] O DESTINO CONSTRÓI O IMAGINÁRIO.

Numa primeira aproximação, a criação do destino é discursiva - é o que se fala sobre a “coisa”. Um discurso estruturado, uma seleção de imagens, qualidades e histórias - definindo-se como uma “marca”. A marca organiza o discurso e o discurso constrói o imaginário.

A conceção da marca é exemplificativa de uma viragem ideológica em direção a um modelo governativo neoliberal – cidade empresa. Este novo modelo olha o nome da cidade como a sua marca que deve ser trabalhada e otimizada, de forma a incluir tanto as tradições e a história da cidade consideradas benéficas, como também representar os ideais de uma nova fase – atrativa, aberta, competitiva. A criação deste “branding” supõe o controlo da mensagem, isto significa insistir em certos atributos e “silenciar” outros.

No campo discursivo, surge já a primeira fase do relato sobre o “destino”. Um discurso direcionado aos mais aventureiros, aos que procuram o novo e o mais autêntico e não esperam os confortos e as familiaridades de uma “centralidade turística” estabelecida. Este período exhibe a urgência da procura do lugar original, uma corrida contra o tempo, pois estas condições não irão permanecer. Promove uma experiência do lugar antes que o “turismo massificado aterre e o arruíne.”.

Com o avanço da definição do destino, o discurso evolui. A comunicação, de forma a ser mais efetiva no seu objetivo de convencer à visita, simplifica os termos e assenta nos elementos que já estão presentes no imaginário coletivo (por exemplo, o Porto e o vinho). Muitos relatos insistem nestes elementos diferenciadores: “uma cidade que vive do vinho”; “olho os barcos rabelo que sobem e descem o rio”. Associa-se também a estes componentes as várias peças excecionais, patrimoniais (de preferência da lista da UNESCO) e as experiências únicas que podem ser vividas neste lugar. Podemos afirmar que estas estruturam os elementos diferenciadores do lugar.

Porém, as narrações precisam também de definir o mercado onde este lugar se insere. No caso do Porto, onde o turismo cultural é a clara aposta, escreve-se que “Andar pela cidade é como olhar um museu ao ar livre”, é “uma espécie de viagem no tempo”, de “cenários que surpreendem” e onde se pode sentir “a história dos que vieram antes de si”.

Estas frases são normalmente articuladas com verbos que incentivam a ação e a experimentação. Todo o discurso se baseia em enumerar um sem número de novas experiências que esperam pelo leitor assim que vá viajar: “explore”, “participe”, “coma”, “sonhe”, “aproveite”, “encontre”, “prove”, “desfrute”, “respire”, “celebre”. Todos estes verbos servem para colocar o leitor dentro do imaginário criado.

Por último, sobram os adjetivos que caracterizam tudo neste novo espaço da cidade e o destino em si mesmo. Todos os bares são “cool”, os apartamentos “cozy”, os hotéis “fashion”, os comércios “traditional”.

Todos os elementos se juntam para dar forma ao imaginário do “turista”. Este imaginário é a expectativa que o viajante leva consigo antes de chegar. Cabe agora ao lugar o papel de se ajustar a esta expectativa.

[1.2] O IMAGINÁRIO CONSTRÓI O LUGAR.

Este é o ponto crucial e o aspeto que será explorado em maior pormenor durante o resto deste trabalho. Aqui entramos numa fase física, a cidade transforma-se por novas dinâmicas que se estruturam como um novo processo de urbanização que responde a lógicas definidas pelo discurso anteriormente referido e por modelos reprodutivos da indústria. Este processo, apesar de fragmentário, tende a conformar-se tanto com o discurso como com certas ideias pré-concebidas sobre o desejo do turista e com as “amenities” e confortos que são esperados nos locais que visita. É essencial destacar que muitas das decisões tomadas durante este processo são vistas como a única maneira de transformar parte da cidade e recuperar funcionalidade e dinamismo económico.

Este novo processo de urbanização tende a ser contido numa área específica, apesar de se relacionar com outros processos de renovação urbana (Judd, 2003). A zona escolhida, no caso europeu, encontra-se muitas vezes na zona histórica ou em antigas áreas industriais. O objetivo, defendido por Dennis Judd e Susan Fainstein (1999), consiste em delimitar setores urbanos, em forma de “tourist bubble”. A concentração e o controle são observados aqui como positivos. Este processo é mais ou menos marcado, dependendo da cidade, muitas vezes toma formas mais genéricas e com objetivo de melhoria de qualidade de vida generalizada no espaço urbano. No entanto, no caso dos centros históricos o objetivo é o controlo total do espaço por parte dos agentes e das práticas turísticas.

Os processos de transformação são na generalidade postos em marcha por instituições públicas que, na tentativa de legitimar o seu património (por exemplo uma candidatura à Unesco), obtêm como efeito colateral a conversão desses esforços em processos de conversão em “assets” (para utilizar os termos do negócio) turísticos. Com a transformação política dos anos 80, outra forma de gerir o espaço urbano é também introduzida - a “cidade-empresa”. Sobre o novo marco neoliberal, a parceria público-privada é a solução procurada desde o momento inicial. Esta relação estabelece-se através intervenções públicas que pretendem abrir caminhos e novos territórios para a entrada de investimento privado, influenciados por outros incentivos e aceleradores (subsídios e benefícios fiscais). Este novo método de governação urbana corresponde a uma (re)adaptação dos métodos de produção do espaço numa sociedade neoliberal (Brenner et al, 2010).

4. “Turistificação” é um termo utilizado, por vezes, como um processo específico de gentrificação. No entanto, neste trabalho opta-se pela definição que engloba tanto o processo de gentrificação como todos os outros processos empregues para converter um lugar em “lugar turístico” ou “destino”.

A cidade torna-se campo operacional de instrumentos financeiros complexos que olham o território urbano como um campo de expansão e introduzem um valor financeiro que vem sobrepor-se ao tradicional valor de uso. Esta retirada de poder ao valor de uso do espaço urbano e da habitação introduz consequências que se associam aos processos de gentrificação, incluindo: (1) processos de especulação imobiliária que provocam a deslocação de habitantes autóctones de classe baixa; (2) dinâmicas de expropriação material e simbólica por processos de “turistificação”⁴ do lugar; (3) marginalização de presenças, práticas e consumos “indesejados”; (4) expansão e capitalização da vida noturna para jovens e turistas que ocupam as zonas centrais da cidade; (5) substituição de comércio local e de pequena escala por outros com caráter turístico; (6) a relação promíscua entre processos de “turismo urbano” e de políticas que facilitam processos de gentrificação (Sequera et al, 2018).

A aproximação ao estudo do lugar, no entanto, exige um olhar centrado nas transformações dirigidas ao turismo. Estas inicialmente encontram-se entre dois espaços particulares. Os lugares a visitar (aquilo que se vem ver ou experimentar) e os espaços de “cama” (que permitem a estadia do viajante). Ambos sofreram alterações, com novas tipologias, mais complexas estruturas de negócio e métodos de criação de desejos. No entanto, sustento que o espaço “in-between” é aquele que revela maior impacto da turistificação, nomeadamente a (1) readaptação do espaço público, (2) os novos símbolos e modos de habitar, (3) a organização de pedaços de cidade em torno de itinerários de visita, (4) modos de transporte que conectam os pontos deste lugar (5) e o “fachadismo” como cenário para criar ambiências e experimentação dos objetos históricos.

[2.0]
COLOCAR O PORTO NO
MAPA.



FIGURA A

A expansão do turismo e da “cidade turística” nos últimos anos, com especial importância no sul da Europa pode ser explicada por três fatores principais: (1) a crescente instabilidade geopolítica durante a última década em mercados turísticos já estabelecidos como Magreb, Egito e outros países do Médio Oriente, (2) a instabilidade dos mercados financeiros que acelera o investimento em imobiliário, hotelaria e alojamento local como investimentos mais seguros, (3) a viragem em direção ao lazer e ao entretenimento como método de reativar a economia no meio de uma recessão económica (2008-2016) (Sequera et al 2018). Durante este período outros fatores surgem como importantes transformadores da mobilidade e do acesso ao turismo, nomeadamente as companhias “low-cost” e as plataformas online para arrendamento local. A combinação destes fatores está a provocar transformações importantes em todos os locais considerados desejáveis para o setor.

Acresce a esta conjuntura que Portugal tem outros fatores específicos importantes a referir, como o novo regime de arrendamento; o regime excecional de reabilitação urbana; benefícios fiscais e os chamados “vistos gold”. A estes fatores soma-se o facto de poder oferecer no séc. XXI a possibilidade de experimentar uma cidade europeia ainda não colonizada pelo turismo e a gentrificação (Bismarck, 2018). Todos estes fatores ajudam a identificar causalidades na transformação frenética nos espaços urbanos portugueses, servindo também para revelar a inter-relação entre diversos fatores políticos e económicos que participam destes processos. O turismo é apenas um elemento muito visível de uma transformação do espaço urbano profunda. A cidade está a readaptar-se e reestruturar-se para a sua nova condição na época da finança e do neoliberalismo (Bismarck, 2018).

Cada cidade apresenta um processo distinto, com diferentes momentos e velocidades, apesar de algumas semelhanças partilhadas. O Porto conta com a especificidade de ser uma cidade histórica, ou de conter um centro histórico. Este espaço é visto como um lugar com carga simbólica que ainda se mantém como um símbolo da cidade, representativo de uma identidade e de um longo passado ainda vivo no imaginário do portuense.

[2.1] UM LUGAR ESQUECIDO.

O Porto é na sua génese uma cidade portuária e mercantil. Esse foi o seu apogeu. Quando pela ribeira passavam produtos de todo o mundo, os ritmos desse trabalho marcavam o diário da urbe. Este foi o motor da cidade durante séculos. “Enquanto espaço físico, organização social e institucional, as marcas dessa faina estavam por todo o lado (...) residia aí o motor de criação de rendimento e emprego.” (Domingues, 2006 p. 20).

A primeira transformação da cidade surge, como muitas, com uma rutura tecnológica. A chegada do caminho de ferro introduz uma nova lógica de desenvolvimento urbano. Alcança o centro da cidade através da “parisina” Estação de S. Bento. “O centro da cidade – triplamente entendido como o local de máxima

acessibilidade, o lugar de aglomeração de funções diversas de forte carácter polarizador que caracterizam e produzem o próprio efeito de centralidade, e o referencial simbólico coletivo da própria cidade – foi deslizando para Norte, da Praça da Ribeira em direção à Praça de D. Pedro.” (Domingues,2006, p.21).

O Porto, no entanto, mantém uma aparente estabilidade até meados do século XX, quando comparado com outras cidades que já atravessavam enormes processos de transformação. A cidade segue com um centro bem marcado– apesar de mais a Norte na “Baixa” e da industrialização ter afastado já os interesses da burguesia portuense para outras áreas (Falcão,1999) – a partir do qual se organizam os processos de urbanização ao longo das vias principais que saem da cidade, mas mantinha-se em grande parte restrita ao município. (Domingues,2006).

A continuidade urbana mantém-se até ao momento que o “o Rio Douro deixa de ser o porto do Porto” (Domingues,2006). E, subitamente, todos os processos e acidentes em que a cidade parecia passar ao lado colidem com ela de uma vez, e põem em marcha um processo de decadência da qual ainda não recuperou totalmente. Por um lado, a cidade cresce e move-se para longe do seu berço, apoiada por outra rutura tecnológica, o automóvel, e por outro no ‘ainda’ centro, todo o tecido económico deixa de ser necessário eliminada a sua razão de ser, o porto.

Instala-se uma espiral de declínio que congrega perda de população, crise do comércio tradicional, rigidez de rendas e degradação do edificado e do espaço público. Entretanto, o espaço urbano e os modos de vida já estavam reformulados quer pela reorganização num novo eixo de centralidades “Baixa – Boavista” quer pela mudança de interesses da sociedade de junto do rio para junto do mar (Falcão,1999).

A imagem até aí mantida de “cidade” definida e densa torna-se desadequada para explicar os fenómenos de urbanização que se desenvolvem na cidade a partir desse momento. A “cidade” explode em múltiplos fragmentos e multiplicam-se as centralidades e as urbes nascem um pouco por todo o território circundante do Porto: Matosinhos, Maia, Valongo, Gondomar e Vila Nova de Gaia todas ganham um papel de polarização na área metropolitana. (Fernandes et al, 2011).

Os olhares voltam ao “velho centro” com o discurso sobre o seu valor excecional. Uma cidade que, apesar de marginalizada e degradada, contém em si a essência de uma Cidade Europeia que nunca sofreu nenhuma calamidade (incêndio, terramoto). Este valor simbólico e patrimonial cresce na consciência tanto dos habitantes como das autoridades competentes e os processos de legitimação deste património são postos em marcha.

[2.2] UMA VALIDAÇÃO NECESSÁRIA.

O longo processo de legitimação do centro histórico chega a um momento crucial em 1996, quando a UNESCO declara o Porto como Património da Humanidade. Esta classificação reconhece o conjunto dos esforços que desde o pós-25 de abril são feitos por instituições como a CRUARB. Estas intervenções traduziram-se na recuperação e requalificação física e funcional do espaço urbano.

Esta avaliação positiva, no entanto, dá também sinal de que o potencial turístico que se via no centro histórico do Porto (o turismo surge já como uma solução para problemas do centro histórico no plano de Auzelle (1962)) era agora mais legítimo. Fazia agora parte de uma lista excecional de lugares significativos para a humanidade. Contudo, existia ainda muito trabalho por fazer (Falcão, 1999).

[2.3] A LAVAGEM DA HERANÇA.

A intervenção urbana no “velho Porto” deu-se em grande parte graças ao papel do Estado, tanto central como local. Foram também empregues diferentes estratégias: a realização de eventos de projecção internacional (Porto 2001 Capital Europeia da Cultura), a aplicação de programas de incentivos e apoio financeiro comunitário (POLIS, POLIS XXI) e a intervenção de instituições para promover a melhoria das condições urbanas do centro histórico e “Baixa” do Porto (CRUARB, FDZHP, SRU Porto Vivo) (Fernandes et al, 2011).

No caso da intervenção de instituições para promover a melhoria das condições urbanas do centro histórico, estas tinham como missão principal solucionar os problemas de “(...) degradação do edificado, do despovoamento e da desvitalização do tecido económico” (Fernandes et al, 2011, p.83) ao mesmo tempo que era necessário valorizar o espaço que se via como essencial para o futuro da cidade.

Apesar dos importantes contributos por parte da CRUARB e da Fundação para o desenvolvimento da Zona Histórica, estas “não detinham os recursos, financeiros e regulamentares” (Fernandes et al, 2011, p.88) para continuar o processo. Aliado à mudança de filosofia na governabilidade urbana, o novo executivo camarário eleito em 2001 opta pela extinção das duas instituições e pela substituição em 2004 pela nova Sociedade de Reabilitação Urbana Porto Vivo, que responde já à nova visão de governo urbano, “orientada pela cooperação entre o sector público e privado e pela aposta em práticas empresariais.” (Fernandes et al, 2011, p. 88).

A SRU Porto Vivo é criada para “gerir o processo de reabilitação urbana, elaborando a estratégia de intervenção e atuando como mediador entre proprietários, investidores e habitantes” (Fernandes et al, 2011, p. 89) para além de continuar a solucionar os problemas anteriormente referidos: o despovoamento e desmembramento do tecido social, degradação física e económica (Fernandes et al, 2011).

Através da ferramenta “Masterplan para a Revitalização Urbana e Social da Baixa do Porto” (2005) é promovida a dinamização de diferentes projetos, tais como o programa “Viv’a Baixa” (destinado a operações de reabilitação física de prédios e fogos implantados na Zona de Intervenção Prioritária) ou programas de ação desenvolvidos no âmbito do POLIS XXI (Morro da Sé, Mouzinho-Flores e 1.ª Avenida), assegurando a gestão de um conjunto de incentivos fiscais (IMI, IVA, IMT, IRS, IRC), fundos e sociedades de investimento imobiliário para arrendamento habitacional (FIIAH e SIIAH), incentivos municipais (taxas de ocupação do domínio público, publicidade, licenciamento) e apoios financeiros (no âmbito dos programas do IHRU e de protocolos com instituições bancárias) (Fernandes, 2011).

Em suma, a intervenção no Porto parece assentar, agora, numa visão mercantilista da cidade. Com o fim da intervenção direta do Estado (CRUARB, FDZHP) e com a desvalorização dos problemas sociais criados na cidade histórica, as questões ambientais e sociais são postas de lado face à dimensão ativa e física dos projetos. A cidade gira definitivamente para uma orientação privada da regeneração urbana e distancia-se dos interesses da população, culminando na deturpação dos incentivos fiscais e fundos de apoio que apenas servem para alimentar uma enorme bolha imobiliária. (Fernandes et al, 2011)

[2.4] PROJETO MOUZINHO-FLORES. O UPDATE.

O projeto Mouzinho – Flores será o alvo deste trabalho, pois além de conter o lugar selecionado para servir de laboratório no capítulo seguinte, é também uma intervenção exemplar do processo de transformação do centro histórico.

É uma zona delimitada em 15 quarteirões e 421 parcelas. (SRU PORTO VIVO). Este projeto tem como objetivos a “regeneração de componentes urbanas que contribuam para a reabilitação da área e também para a sua revitalização económica, isto porque para além de se tratar de uma área classificada como Património Mundial, é um eixo central nos percursos turísticos do Centro Histórico do Porto (..) com elevada visibilidade, mas deteriorado e deprimido nas suas funções vitais do quotidiano. E por isso o comércio local, a qualidade ambiental e a vivência intensiva, estão prejudicadas apesar de o potencial ser enorme.” (SRU PORTO VIVO).

A abordagem escolhida para solucionar a situação apresentada assenta na qualificação do espaço público, sendo que as intervenções ao edificado já estavam em curso e os mecanismos de apoio e incentivo faziam já também parte da estratégia. Posto o espaço público como prioridade, definem-se como eixos centrais o aumento do conforto e das “facilities” disponibilizadas e a transformação da mobilidade. Estas sempre associadas à melhoria das atividades económicas, comerciais, lazer e turismo.

A intervenção representa uma mudança profunda no carácter deste lugar e representará um momento importante de transformação na sua história. É decididamente privilegiado o peão em detrimento do automóvel, com a pedonalização de grande parte da área de intervenção, a transformação e modernização da atividade económica e do setor comercial, a recuperação do tecido habitacional que pretende acolher novamente a multifuncionalidade que caracterizava o lugar e a atividade no espaço público para novamente encontrarmos uma cidade viva (SRU PORTO VIVO).

“Assim, um território marcado por inovação no séc. XV e modernizado no final do séc. XIX, está de novo a transformar-se, agora num misto de património, contemporaneidade e progresso, articulados com a recuperação de tradições e a revitalização de forças que já teve outrora...” (SRU PORTO VIVO).



FIGURA B

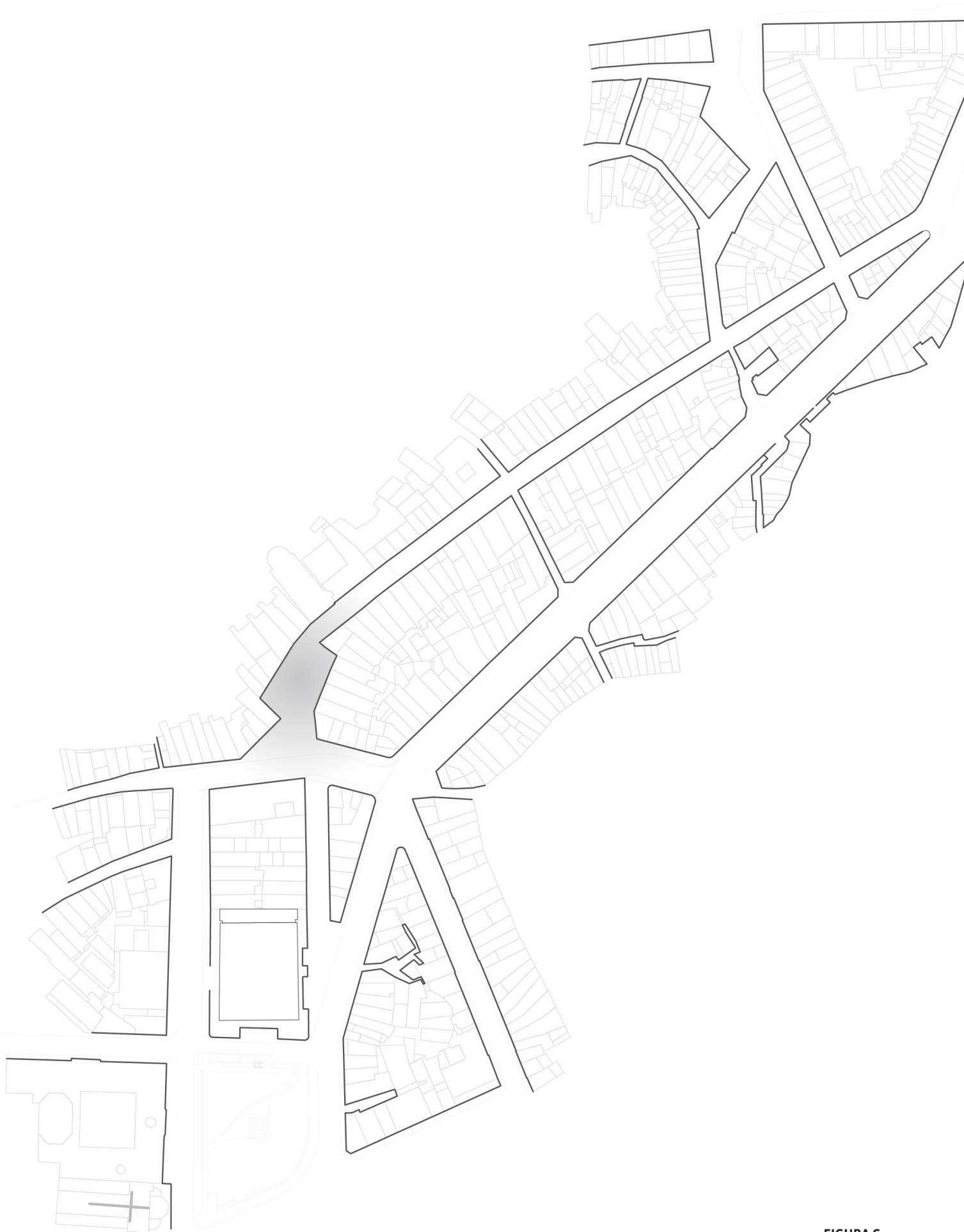


FIGURA C



[3.0]

APRENDER COM O LARGO S. DOMINGOS.



FIGURA D

Com o objetivo de entender o que acontece no lugar onde o turismo floresce, é necessário aproximar-nos. Procurar o detalhe. No caso deste trabalho, o lugar da aproximação é o Largo S. Domingos. Este espaço, como já foi referido, é um espaço central da importante intervenção Mouzinho – Flores. Este projeto representa a visão que está a ser implementada e pode conter as pistas para uma situação futura. Além disso, este nó intermédio da relação “Baixa” – Ribeira ganha a importância de lugar estruturante de todos os itinerários turísticos.

A metodologia do trabalho apresentado neste capítulo divide-se em duas fases. A primeira diz respeito à observação, a qual, por sua vez, se subdivide em duas perspetivas e metodologias distintas, mas complementares.

Inicialmente, e com base na metodologia que Georges Perec apresenta no livro *Espécies de Espaços*, utiliza-se a escrita em forma de constante interrogação sobre o espaço que se ocupa. Aqui, objetivamente, existe um distanciamento da realidade, contudo, a experiência continua a ser muito pessoal, porque depende totalmente de uma perspetiva sensorial. Quase como a postura apresentada por Stendhal (1838) na obra *“Memoires d’un Touriste”*. Neste livro, Stendhal caracteriza o turista como um personagem culto e curioso, aberto ao que a viagem pode trazer, que escreve a partir do que vê e ouve. Apesar disso, o texto serve de base para a compreensão inicial do lugar e é feita uma recolha regular ao longo de um ano, em diferentes dias e horas. Esta parte do trabalho apresenta-se em forma de relatos, textos curtos que descrevem a experiência do lugar e exemplificam o processo sensorial de experimentar o lugar. Neles foram aflorados diferentes temas, desde o espaço físico, sons, interações e ritmos sociais.

Por outro lado, utiliza-se também um método baseado em Robert Venturi, Denise Scott Brown e Steven Izenour em *Aprender com Las Vegas*, tendo como ferramenta base a fotografia. Esta é utilizada para documentar a “realidade”. Funciona como elemento de confronto e de diálogo com o texto. Estabelecer uma dialética entre ambas as recolhas é o objetivo da fase de observação, que adquire importância pelo estudo semiótico apresentado, o qual tem um valor renovado neste espaço.

Esta fase não se apresenta como um estudo exaustivo do lugar, mas sim a reunião dos elementos nele encontrados e que possam produzir eficazmente um “efeito demonstração”.

No segundo momento, a interpretação, pretende-se formar uma síntese. Através dos elementos já reunidos e delimitados individualmente ou agrupados dentro de categorias genéricas procura-se recombina e agrupar para encontrar as suas organizações lógicas. A descoberta dos temas que possam ajudar a formar perguntas sobre o futuro da cidade é o objetivo deste momento.

Durante este processo, foi necessário entender as transformações do lugar para além do espaço público, envolvendo também a investigação do interior do edificado alterado.

O olhar mais direcionado começa necessariamente pelo piso térreo. Os espaços comerciais trazem novos produtos, novos mercados, novos consumidores. Assim, também eles transformam o espaço público.

Contudo, a procura pelo habitante e os espaços onde habita obriga a olhar para cima. A morfologia do lugar está inalterada, a forma urbana mantém-se, tal como a fachada. Essas resistem à mudança. Para encontrar as diferenças é necessário, assim, olhar para dentro.

Esta necessidade requer uma ferramenta diferente, que ganha mais poder ao longo do processo. As plataformas online permitem entrar nos edifícios alterados do largo e é por isso uma importante ferramenta da recolha de imagens dos interiores. Este facto é facilitado pela necessidade que estes novos lugares têm em estar conectados ao espaço de fluxos (Castells, 1996) e a manter uma presença no espaço digital. Eu estou conectado, logo existo.

Esta nova realidade soma complexidades à compreensão do lugar urbano. Entender o Largo de São Domingos apenas pelas suas condicionantes físicas leva-nos somente a parte da viagem. Entender o espaço e a sua posição na estrutura de fluxos é igualmente importante. Os lugares tocados pelo turismo estão numa situação de extremo contacto com as novas dinâmicas, dependentes até.

Seria importante referir o papel que as plataformas assumem nesta dinâmica enquanto organizadoras de fluxos. Peças centrais que estruturam a rede que se estende por todo o globo. São entidades distantes, apesar de servirem de mediadoras entre toda a oferta e toda a procura. Assim, conseguem uma quase ilimitada capacidade de aglomeração e introduzem novas dinâmicas de poder que parecem ter efeitos rápidos no espaço urbano e no valor e direito à habitação. Uma nova experiência urbana que ocorre em tempo real.

Com todas estas transformações é, no entanto, fácil esquecer a situação anterior, como já referido, o lugar estava em elevado nível de degradação, vazio, entaipado, parado. Resumindo, tudo estava à venda e ninguém comprava. Defender o passado torna-se uma impossibilidade.

0 CADERNO.

ESPAÇO PÚBLICO





Lugar: Largo de S. Domingos

Hora: 15h

Dia: 26 de novembro de 2018

Tempo: Limpo depois da tempestade

A rua é pavimentada com um lajeado de granito com um padrão abstrato, que não se relaciona, ou pretende relacionar, com o edificado ao mesmo tempo que se ajusta de forma estranha à difícil topografia do largo. Cria juntas e declives em diferentes direções. Apenas estabiliza na esplanada.

Existem esplanadas de restaurantes e cafés com estrados em madeira rodeados por peças metálicas, dessas que estão na moda que vem já gasto.

A praça divide-se em dois espaços, um ao sol com estrados nas esplanadas pertencentes a restaurantes caros e, outro à sombra sem estrados de restaurantes baratos. Um rico e um pobre? Um lado é mais turístico que o outro? Separação baseada em preços e mobiliário?

No meio destes dois lugares, cruza-se, em diagonal, a praça que continua a rua das Flores.

Os edifícios, alguns transformados, outros em processo, parecem preservar-se, pelo menos em parte. Talvez faltem os detalhes. A memória onde fica?

Os edifícios do largo têm um carácter burguês, até mesmo senhorial, embora hodiernamente os senhores sejam outros. Contam histórias?

E as lojas? Onde compra a gente do bairro? Que é isso de gente do bairro? O largo é agora uma “praça de alimentação” de uma população em trânsito. Resta apenas a farmácia. Parece até mesmo aí ter sido colocada artificialmente como uma peça do cenário que já não tem sentido de ser talvez destinada, tal como a papelaria, a dar o seu lugar a algo que a transformará, mas manterá o friso e assim deixar o corpo sem a alma.

Onde se compra o jornal? A cebola? O pão?

Os cafés seguem, um pouco mais caros, sobrevivendo tranquilamente com maiores esplanadas, mais clientes, mas não totalmente em competição com os novos restaurantes do outro lado do largo, já que as pessoas que o cruzam são diferentes.

Existe música. Talvez com horários. Quando acaba o acordeão parisino começa o blues de Chicago. Antes isso que o parque de estacionamento de outrora.

As pessoas andam devagar, descem aos pares, divagando. Súbito, um local que sabe onde quer ir e se desvia ao tentar encontrar a melhor forma de passar o desafio de cruzar o largo. Tenta prever quem vai tirar a fotografia, quem se estaciona a ler as ementas expostas. Falha!

O seu olhar divide-se entre o telemóvel e a paisagem. Que quer isso dizer?

FIGURA 1. ESTRADO.

Introduz-se o espaço público com um dos elementos que mais se destaca quando chegamos. O estrado que regulariza a topografia para a esplanada, secciona dramaticamente grande parte do espaço do largo e limita o seu uso. Também de salientar o carácter permanente que tem na privatização do espaço público. O estrado apresenta-se assim como um elemento principal da transformação deste lugar.

Quando entram no largo o olhar dirige-se para cima. Olham em redor. Uma sala de jantar urbana?

São todas tão diferentes? No largo cruza-se o mundo. Com ou sem câmara, no largo existem pessoas com todas as distâncias de casa. Convivem? Talvez, pelo menos olham-se. Olham-me. Observo da maneira errada?

Os Turistas andam aos pares e os locais sozinhos?

O chão está limpo, menos ao lado do caixote do lixo. Falharam.

Pingas caem indiferenciadamente dos edifícios e criam as goteiras que não existem no desenho do pavimento. A água sempre encontra o seu caminho.

Existe verde, um verde domesticado. Um 'canteiro' dentro de um caixote metálico, do mesmo metal que parece velho. Parece que estava noutro lugar, mas encaixando aqui, mudou-se.

Existem 2 árvores, ambas diferentes e nenhuma autóctone.

Ouve-se blues.

Rodeia-se a porta dos vários hotéis e apartamentos turísticos com arbustos da altura da porta em vasos redondos da cor do chão. Dentro uma árvore de Natal.

Há ainda 2 árvores de pedra. Não tem folha.

Existem 2 bancos públicos. Não olham nada, não têm espaço para respirar. Estão encaixados entre duas esplanadas e demasiado perto de ambas para ser confortável a qualquer um dos intervenientes.

Não se vê crianças. Não se vê animais exceto as pombas que descem à procura de migalhas.

Onde brincaria uma criança?

Contraste entre o mobiliário dos novos restaurantes e dos antigos. Não sei quais os mais velhos.

A luz aquece apenas um lado da praça. O lado dos ricos e o lado dos pobres?

Tudo parece não se poder tocar. Não vejo o público no espaço. Que aconteceria se alguém decidir-se deitar no meio do largo? Como reagiria este espaço ao conflito? Se alguém começar aos berros? Metade não entenderia.

Espetadores.

Montou-se um espetáculo chamado Largo de S. Domingos e todos vêm vê-lo, usufruir da experiência que é previamente planeada e executada e que agora absorvemos numa posição de espectador. Que acontece quando queremos ser atores? Quem é o ator da cidade?

A inquietude talvez seja essa. Não existe mais o que era. Temos sim, a melhor cópia possível do lugar que era o Largo de S. Domingos. Deixamos de ver a razão por trás das coisas. Porque preservamos umas e outras não. Protegemos a fachada, matamos o interior. Protegemos o letreiro, matamos o negócio. Protegemos o corpo, matamos a alma._

FIGURAS 2 A 5. PROBLEMAS DE ESPLANADA.

Exemplos do elemento estrado e esplanada que são peças fundamentais da utilização do espaço público. Nestes casos, a esplanada não se apresenta como um elemento temporário, mas contém partes imóveis que desenharam o espaço do largo e da rua. Estes apresentam a crescente importância desta atividade no espaço público, ou pelo menos a perda de outras.







FIGURAS 6 A 16. A COMUNICAÇÃO ESCRITA DO LUGAR.

O conjunto de letreiros do lugar permite-nos algumas conclusões. A maior parte dos elementos escritos do lugar está associada à restauração, seja pelos letreiros ou menu. Importante também salientar as 'concept stores' e os letreiros de alvará da obra. Aquilo que podemos perceber rapidamente é que a comunicação é muito cuidada e pensada de forma consistente com toda a estética tanto do lugar como do comércio. Pelo contrário, a escrita à mão é quase eliminada, sobrando apenas um exemplo.

FIGURAS 17 A 19. AS LETRAS MISTURAM-SE COM A LINGUAGEM DA ESPLANADA.

A primeira sinergia que encontramos é entre os menus dos diferentes restaurantes e os estrados. Os estrados e as esplanadas apesar de estarem no espaço público, apresentam uma consistência estética entre os elementos públicos e privados. Esta questão é particularmente importante pelo caráter finalizado que dá ao espaço, tudo no lugar já está desenhado e dividido e definido, incluindo onde o menu do restaurante deve ser colocado. Não existe espaço para apropriações ou usos diferentes.





Lugar: Largo de S. Domingos

Hora: 17h

Dia: 30 de Novembro de 2018

Os edifícios do largo são uma coleção de janelas. Todas olham o largo. Parecem quase desmaterializar-se quando existe luz dentro.

Quando pensamos nestes edifícios pensamos no material: pedra, azulejo, madeira. E, na realidade, eu vejo que isso são apenas as bordas, os edifícios são feitos de vidro e janelas e varandas com pedra pelo meio.

Quase não existe azulejo.

Passeiam mais grupos. Um de cada língua.

Ouve-se várias músicas diferentes que vão ecoando pela rua das Flores.

Vão chegando pessoas com malas e entrando para os vários apartamentos. Tudo é feito rápido e eficientemente. Ninguém gosta de andar com malas muito tempo.

Fotografo o local desde o ponto em que sempre me sento.

Existe um Pai Natal, com a sua música e afins, tal como no Centro Comercial.

As pessoas movem-se a velocidades diferentes.

Passa os turistas de congresso, com as suas identificações ao dependuro e o ar profissional.

Como retrato este lugar se não sei o que ele é? Desenho por cima? Por cima de quê? Os edifícios mudaram. Mas não é o chão o que importa? O espaço público? Funciona ter uma cidade para quem passa e uma cidade para quem fica?

Como deveria ser a cidade da população em trânsito?

Quer tudo ser bonito? Mas o que é que isso significa?

Vendemos o passado como um espetáculo, um espetáculo que foi um dia uma cidade. Então será que conservamos? Não acaba por ser o espetáculo, ultimamente, aquilo que acaba por transformar tudo? E não é bom transformar, mas transformar em quê?

O que permanece? O que muda? Como usamos o que se muda e o imutável?

FIGURA 20. O GRAFFITI ENCOMENDADO.

A denominada 'arte urbana' ganha uma legitimidade e um papel novo quando se trata da inserção nestes lugares. Organizar uma cidade que precisa a todo o momento ser 'bela' e dar a mostrar elementos de interesse a quem olha, encontra na arte urbana uma forma de preencher os vazios e densificar o cenário. Contudo, é importante salientar que estes são encomendados e pertencem a uma imagem e a um plano para cada lugar, não de uma vontade individual de marcar o território. Assim a "arte urbana" surge por encomenda, já não muito distante da arte erudita.

Lugar: Largo S. Domingos
Hora: 14h
Dia: 4 de dezembro de 2018
Tempo: Sol com neblina do rio – luz azulada

Quando desço a rua das Flores não consigo deixar de sentir que estou num lugar cada vez mais igual a muitos outros.

Será que isso importa?

Existe um estilo cidade histórica? Algo parecido parece existir.

Os ‘air espaços’ do airbnb e as pessoas que o criam pelo mundo fora. As plataformas que proliferam por todos os cantos do mundo. As madeiras recicladas, o tijolo à vista, as lâmpadas Edison. Todas passeiam entre a revolução industrial anglo-saxónica e o minimalismo escandinavo. E assim é em todo o mundo.

Como enquadramos a conservação neste panorama?

Nem tudo o que parece antigo é verdadeiro. Distinguímos o verdadeiro do falso. Isso importa?

Que papel desempenha o arquiteto? Algum? E ele importa?

A globalização chegou a todos os espaços, independente do seu grau de urbanidade. Aqui ele apenas se chama turismo, outros são mais difíceis de nomear.

Como se dá este processo?

Como lidamos com a homogeneização?

Chega ela também ao espaço público? É sempre presente?

Acreditamos que estas estéticas são globais? Ou locais?

Estamos num mundo que se individualiza, que tenta ser especial, mas que, no fundo, se refugia no conforto do similar.

Claro que a cultura intervém aqui, mas quando a criação e distribuição de gostos e imagens prolifera tão facilmente, como se cria diferenciação? Será que isso importa?

Será que é um rejeitar tecnológico? Mas a tecnologia está sempre presente.

FIGURAS 21 A 29. O ‘BELO’ BANAL.

Os elementos mais banais entram nesta nova lógica de “pôr bonito”. O armário, apesar de fundamental para o funcionamento atual deste espaço como habitáculo provisório da população móvel, não pode existir num lugar como este sem corresponder com valores estéticos à altura da envolvente. É de salientar também que todos possuem assinatura e links para plataformas online. Verifica-se assim a utilização deste instrumento como parte integrante de uma estratégia central. Inverte-se a dinâmica comum da administração: criminalizar e limpar paredes assinadas por estes artistas que funcionam como patronos da arte popular legitimada.







FIGURAS 30 A 32. A ARTE QUE QUER SAIR DO MUSEU.

A arte erudita por seu turno é também utilizada dentro da mesma estratégia. No entanto, estes elementos surgem, tal como os anteriores, transformando apenas a forma como a assinatura é colocada. Dispõe-se placas no chão que garantem que este elemento no espaço público é, de facto, arte. A utilização constante e densa de elementos artísticos no lugar parece funcionar como apoio ao itinerário e preenchimento de vazios de pontos de interesse.





FIGURAS 33 A 35. AMBIENTES NO LUGAR.

O Largo divide-se em 3 momentos e ambientes principais. Na rua das Flores experimentamos uma rua comercial em que se misturam artista de rua, músicos, homem-estátua e outros elementos entretidos com “franchisings” têxtil e alimentares e lojas de venda de “merchandizing”. Chegando ao Largo, deparamo-nos com um corredor central dividido entre espaços de esplanadas que ocupam os espaços próximos do edificado. Aqui (principalmente a horas de refeições) percebe-se uma zona que funciona como “praça” de alimentação. Ao deixar o largo temos as peças de Alberto Carneiro e o Palácio das Artes que reinsere o olhar no cenário e prossegue o itinerário.



FIGURAS 36 A 39. PESSOAS E USOS.

Os usos e sujeitos que podemos ainda encontrar neste lugar já não são muitos. Existe já uma clara dinâmica “front/backstage” (Maccannell, 1973). Ou seja, entre indivíduos que estão em posição performativa e os indivíduos em condição de espectador. Uns preparam um espetáculo ou uma refeição para outros que apenas observam e experimentam. Na performance, podemos englobar desde o músico de rua, funcionária de apoio ao turismo ou a cozinheira e o empregado de mesa. Todos participam da preparação do cenário que é observado pelo “turista”. No entanto, ainda encontramos a relação tradicional entre locais, normalmente a horas de menor procura por parte dos visitantes. Estes podem ser vistos como “backstage behaviours”.





20 de janeiro de 2019
Lugar: Largo S. Domingos.
Hora: 16h
Tempo: um pouco encoberto.

Estou a ver a cidade do séc. XVI ou a cidade mais atual? A que tempo pertence esta morfologia?

Este lugar fica numa espécie de cruzamento, quase como um centro de uma cidade que já não o queria. O miolo do antigo Porto. Ponto intermédio da subida.

Podemos imaginar o lugar, com a sua fonte, onde se cruzaria a sociedade. Talvez existisse discussão. Conflito até.

Mas, entretanto, o Porto mudou, o negócio já não é mais o porto e os seus comércios, é agora o turismo. É esta a razão da sua metamorfose. A cidade precisa re-inventar-se.

Não há dúvida que a cidade se transforma, mas como e em quê?

Prevalece o consumo. Um tema persistente. Talvez seja a definição contemporânea da produção de espaço. Olho um lugar recentemente (re)produzido.

É um lugar artificialmente conservado, apenas um espectro, um fóssil. Porque conservamos as formas, mas não o conteúdo? A habitação, mas não o habitante?

Indubitavelmente, a simples velocidade do acontecer assusta. Ou talvez a incerteza que acompanha qualquer metamorfose.

Mas existe controlo? Podemos influenciar? Ou esquecemos a arte e por isso vivemos com a de outros?

26 de maio de 2019
Lugar: Largo S. Domingos.
Hora: 10.30
Tempo: bem limpo.

A manhã é calma, os fluxos regulares de descida ainda não começaram. Cheguei quando a cidade se abre e começa a montar o seu cenário que será mais tarde vivido durante vários turnos hoje. O turista é uma entidade que flui tal qual um idoso na sua rotina matinal de tomar café e comprar o jornal. A diferença é uma entidade cristalizada, as suas relações sociais não evoluem.

Mas os ritmos mantêm-se. O abrir do café, desembulhar a esplanada, o hotel que acorda. Uma preparação aquém de uma peça teatral.

Estes espaços turísticos ou de consumo tendem a estender-se ao exterior, tomando parte do espaço público para servir os seus fins, seja através da persuasão à entrada, a esplanada ou a comercialização direta no espaço público.

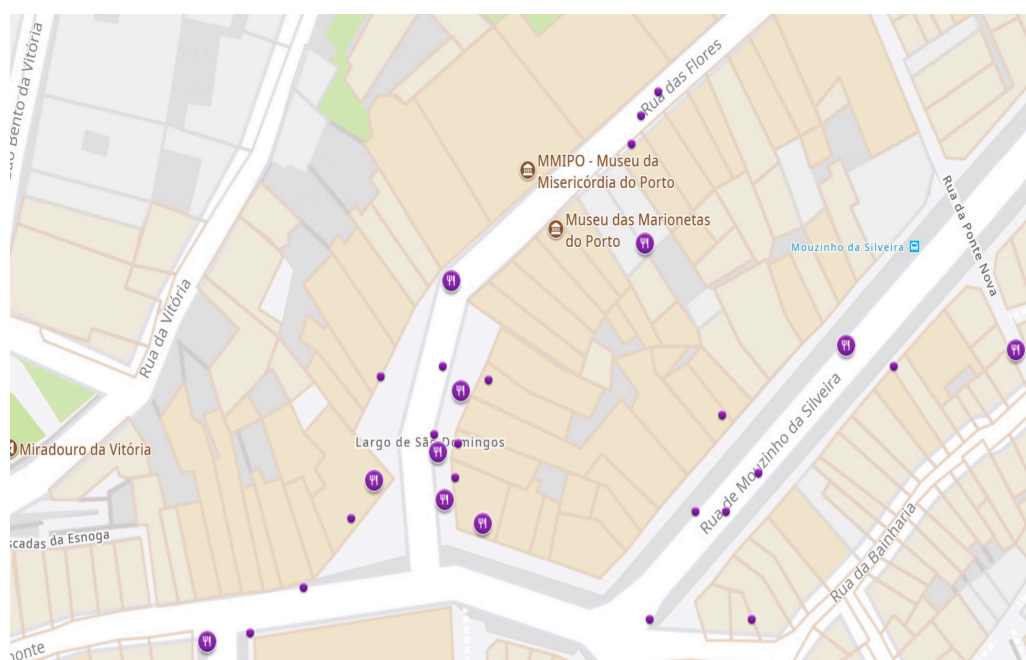
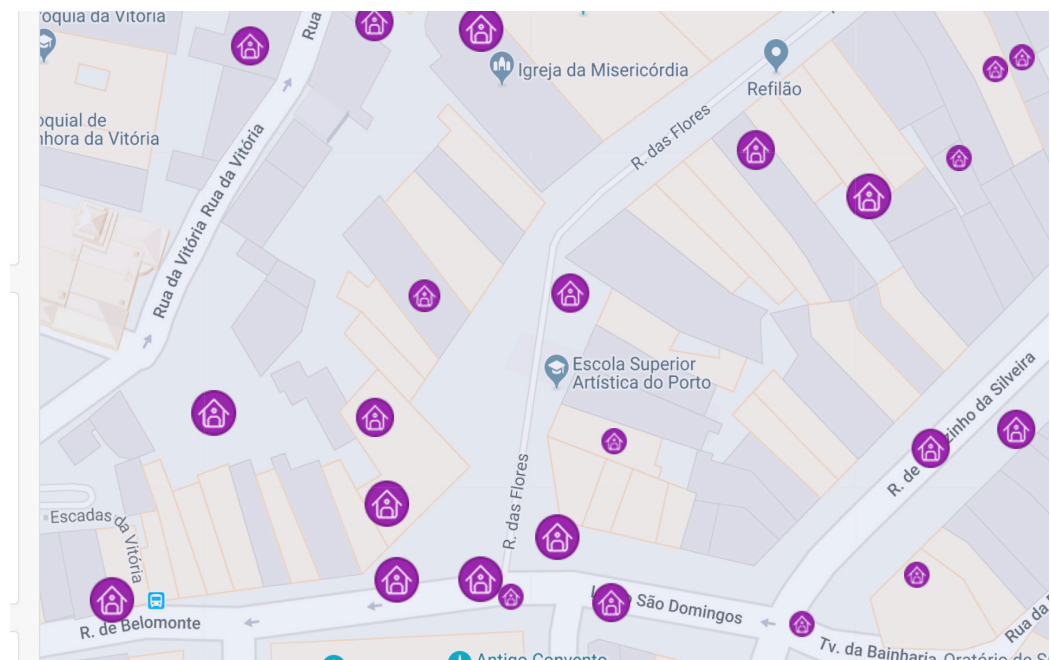
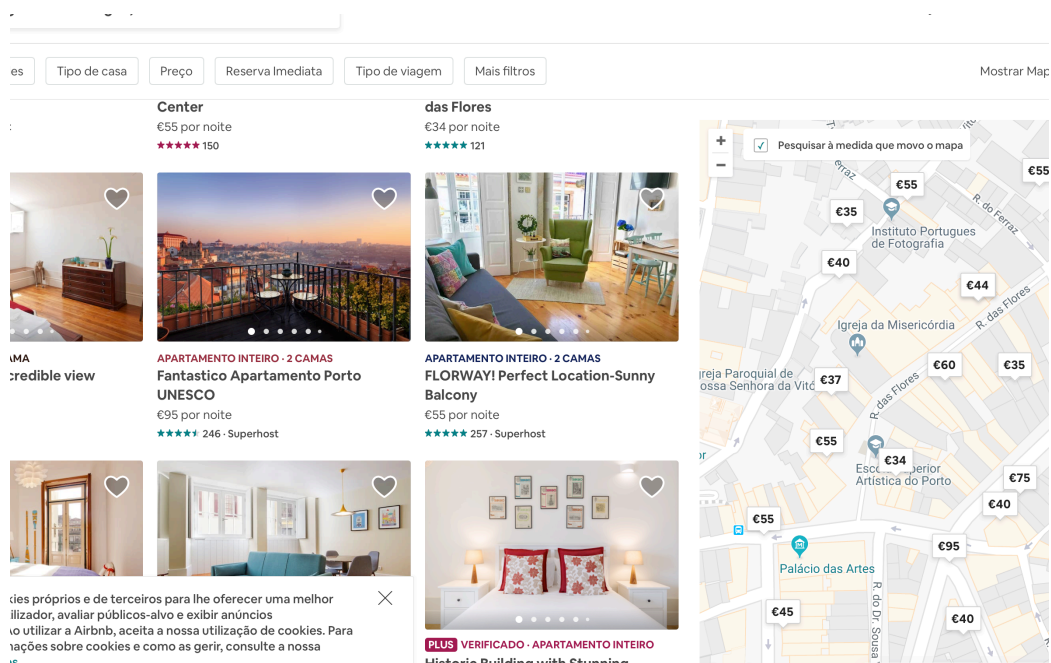
No caso específico do domingo parece não existir o som da língua portuguesa. Parece ainda mais claro o desligar deste lugar do seu contexto territorial. Existe alguma espécie de distorção espaço-tempo. Fora da história, fora do território. No imaginário.

FIGURA 41. ENTRE MUSEU E ESTALEIRO.

Neste momento a cidade passa por uma fase de transformação. Não sabemos se algum dia é concluído o processo e o estaleiro desaparecerá do lugar completamente acabado e definido como produto completo. Contudo, como o urbanismo é um processo, acreditamos que o estaleiro continuará a fazer parte da paisagem urbana.







FIGURAS 42 A 45. OS MAPAS QUE TRANSFORMAM O LUGAR.

Aqui observamos alguns dos mapas que transformaram o lugar, desde o plano municipal que define o entorno físico e a estratégia para o lugar, aos mapas digitais que informam e estruturam a nossa visão da cidade. Desde onde dormir pela airbnb e booking, onde jantar com o trip-advisor. Estas plataformas possuem um crescente poder na organização da oferta de serviços no espaço urbano, sendo tanto mediadores como recollectores de informação que definirá futuras transformações.



FIGURAS 46 A 50. AS ATMOSFERA ATUAL.

Tem particular interesse ver os efeitos visuais da festivalização do lugar, que precisa sempre de mostrar uma razão para o visitar, insistindo na constante chamada de atenção de um espaço que vive da sua capacidade de atrair. Sem usos quotidianos dos habitantes, o lugar é reduzido à sua capacidade de atrair os “estrangeiros” para sobreviver.







FACHADA.



FIGURAS 51 A 53. AS NOVAS CAMPAINHAS.

Este simples elemento é particularmente importante ao olhar a fachada, pois muitas vezes é o único vestígio exterior de que algo por trás se transformou. É a pista de que aqui se trocou habitante por viajante numa fachada que teimosamente resiste à mudança.



FIGURAS 54 A 58. AS PORTAS.

As portas curiosamente apresentam uma diversidade muito maior que aquela permitida ao resto da fachada. São lugares que se enchem de novos símbolos e linguagens estéticas que misturam tendências tão diversas e opostas e que convivem num cenário que até aqui se demonstrava como muito congruente e unitário esteticamente. É assim na porta que encontramos o primeiro momento de diversidade total nas intervenções.







FIGURAS 59 A 61. ADORNAR A PORTA.

Ao observar os espaços criados nas portas percebe-se os diferentes imaginários que inspiram. Apesar de todos colidirem uns com os outros ao longo da rua, não nos parece perturbar as diferentes aproximações que cada um opta para vender elementos “tradicionais”. Desde o claro “merchandizing” a aproximações mais nostálgicas.





FIGURA 62 A 64. AS FASES DA FACHADA.

Aqui pretende-se retratar as fases que atravessa a fachada do centro histórico. Desde o seu momento devoluto e entaipado, ao momento de estaleiro até ao produto final onde é reduzida à imagem de si mesma para simular que nenhuma mudança se deu.





FIGURAS 65 E 66. A FACHADA É O ÚNICO COM VALOR HISTÓRICO?

Quando nos aproximamos das obras que, tendo ou não qualidade, não são elementos excepcionais e atrativos, eles são rapidamente convertidos em tipologias mais rentáveis. O único valor que este método encontra na existência é na fachada e nos ambientes interiores diferenciadores que possam existir. Deveria haver um processo de conservação mais completo que limitaria a capacidade de extrair riqueza ou então mais sinceridade para assumir na fachada a transformação que agora esconde, destruindo o cenário criado – ambas seriam más para o negócio.

FIGURAS 67 E 68. PELO MENOS COLOCA O ATM.

De notar que nas poucas fachadas que ainda não foram tocadas, é incluído um ATM. Quase como sacrifício para se poder manter inalterada.



FIGURAS 69 A 71. A COMPLEXIDADE DO CENÁRIO ACABADO.

Observe-se a conjugação de diferentes elementos anteriormente mencionados na construção cenográfica da fachada.





7 de agosto de 2019
Lugar: Largo S. Domingos.
Hora: 12h
Tempo: chuvoso.

Cada vez que me aproximo do lugar algo muda. Um novo edifício abre portas, outro fecha à espera de renovação. Outros têm o seu processo pela metade.

As esplanadas estão cheias apesar da chuva e do vento, pelo menos na parte em que é possível algum resguardo. O turismo obriga a enfrentar as intempéries. Não há tempo para ficar parado.

É difícil imaginar as pessoas que ainda vivem no lugar. É como imaginar pessoas que vivem num centro comercial. Sem textura, o cenário é apenas o fundo que legitima o consumo.

Se olhasse estes lugares esquecendo a 'história e o património', provavelmente perguntaria onde fica a bilheteira. Uma nova muralha será erguida, desta vez para proteger o 'turista' do 'vagabundo' (Bauman, 1998).

Esta nova forma de fazer cidade parece estar para ficar. O espaço urbano como espaço destinado ao entretenimento, lazer e diversão será o futuro do espaço urbano? Será essa a sua função principal. O paradigma da mobilidade transforma-se no paradigma do entretenimento.

FIGURAS 72. A FACHADA DESMATERIALIZADA.

Este caso curioso em que todo o edifício é ocupado e a fachada é convertida em extensão da montra e desmaterializa-se em imagem. Não sobra mais da fachada já morta e ressuscitada pelos seus anteriores signos (Baudrillard, 1978)



FIGURAS 73 A 75. QUAL DELAS A CONTEMPORANIEDADE.

O movimento moderno reduz os signos da arquitetura até encontrar a sua manifestação mais 'pura', depurada versão até à data. Esta estandardização e estetização dos lugares e da vida à escala global requeria-se num novo estilo internacional - também chamado cidade genérica (Koolhaas,2013). Os signos e as marcas da arquitetura foram transferidos para outros produtos, ninguém pode afirmar que a sociedade contemporânea não é rica em símbolos e marcas.





INTERIORES.



FIGURAS 76 E 77. UMA CONFUSÃO DE TEMPORALIDADES.

Imagens como esta parecem querer dizer que o passado e os seus elementos rendem e são valorizados, e por isso são readaptados como símbolos para hotéis que se definem pela oportunidade de poder habitar um espaço com história.

FIGURAS 78 E 79. OS (EN)CANTOS PERSUASIVOS.

Outros símbolos são também utilizados, como pequenos cenários montados para parecer mais “cozy” ou palavras “bonitas” colocadas aleatoriamente pelo espaço que esperam convencer o visitante que este é o lugar que deve ficar de entre as crescentes possibilidades.

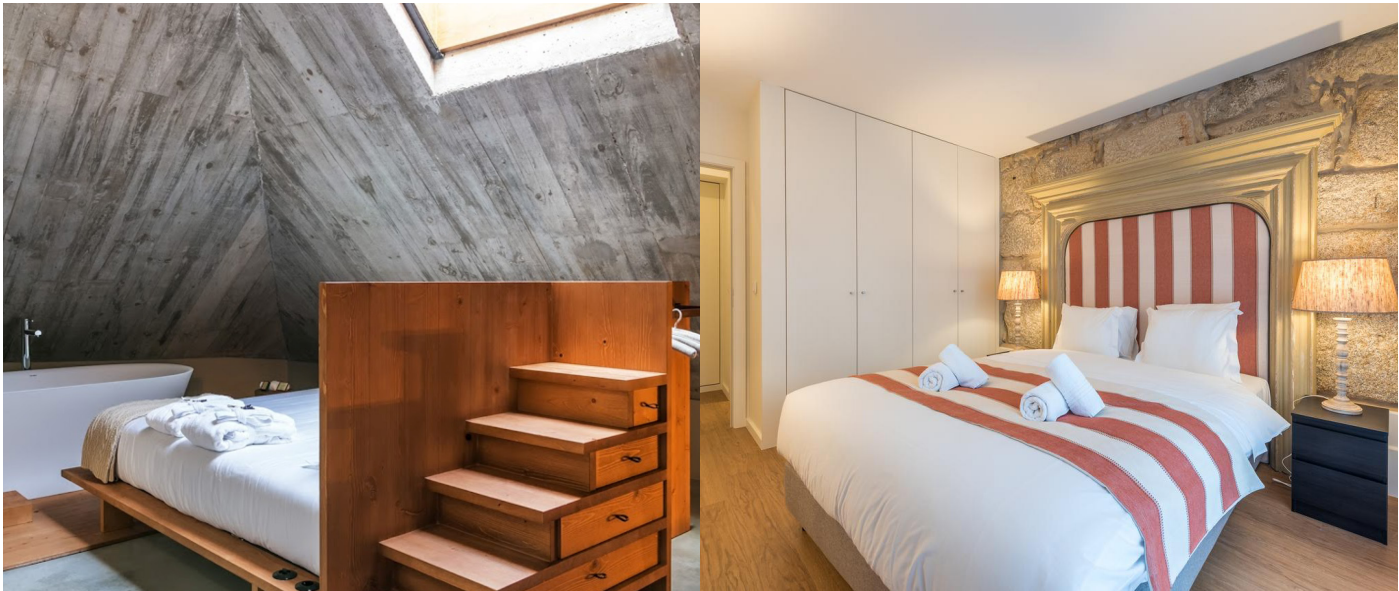




FIGURAS 80 A 86. OS ELEMENTOS ESSENCIAIS – CAMAS.

O primeiro contacto com os interiores e a sua função fundamental mostra, tal como as portas, uma diversidade enorme de escolhas estéticas para o lugar. Por um lado, os tetos altos, a pedra ou o tijolo sem revestimento parecem encaixar no estilo internacional presente. Mas encontramos outras opções com lugares extremamente diversos. A única consistência é o tamanho dos espaços produzidos que apenas apresentam duas tipologias, quarto com casa de banho e quarto com sofá e pequena cozinha.







FIGURAS 87 E 88. A MESA DE CANTO.

O canto da janela com uma pequena mesa redonda parece ser também importante.

FIGURAS 89 E 90. AS COZINHAS ACRESCENTADAS.

A adição de cozinhas aparece normalmente como uma soma mais bruta aos pequenos espaços que não estão preparados para esta função.







FIGURAS 91 E 92. A REUTILIZAÇÃO DAS TEXTURAS COMUNS.

As transformações com maior cuidado estético parecem encontrar como principal tema o repensar de elementos e texturas tradicionais assim como materiais texturados como a madeira e a pedra. Contudo, o cenário das intervenções é tão variado que se torna difícil encontrar semelhanças, estando totalmente dependente de decisões do proprietário da sua disponibilidade financeira, “gosto” e arquiteto.

FIGURAS 93 A 96. AS ‘NOVAS’ BANHEIRAS.

As casas de banho, no entanto apresentam em múltiplos casos uma curiosa novidade. Talvez para invocar o passado, talvez por limitações espaciais, a banheira eleva-se a peça escultórica e muitas vezes sai do espaço de casa de banho e entra no espaço principal. Difícil dominar a razão desta transformação, contudo interessante de constatar.







FIGURAS 97 E 98. AS ESCADAS.

A típica escada do Porto é também um elemento diferenciador nas várias intervenções. Muitas vezes mantida, noutras substituída completamente.

FIGURAS 99 E 100. A DIVERSIDADE DO GOSTO.

A diversidade parece assim ser um dos elementos que podemos considerar. A junção de estranhos elementos, orientalismos (Said, 1970) muitas vezes resulta em espaços “únicos”.





FIGURAS 101 A 104. A DIVERSIDADE DOS INTERIORES.

Podemos encontrar assim uma multiplicidade de espaços e intervenções de diferente qualidade e com propostas muito diferentes. Contudo, verifica-se uma persistência de um regime dominante que mistura materiais texturados (pedra, madeira, pele) que se apropria facilmente de elementos autóctones e os mistura com mobiliário de design contemporâneo.

FIGURAS 105 E 106. E O REGIME DE VISIBILIDADE DOMINANTE.



FIGURAS 107 A 109. TAMBÉM PRESENTE NOS RESTAURANTES.

FIGURA 110. O TERRITÓRIO ESTÉTICO DOMINANTE?

[4.0]
UMA INTERPRETAÇÃO
POSSÍVEL.



FIGURA E

Neste capítulo, procura-se encontrar as teorias que podem explicar os processos que observamos separadamente ao longo do trabalho. Para tal, procura-se não só relacionar os diferentes processos com os elementos encontrados no estudo do lugar como também organizar as conclusões possíveis e as questões levantadas. As conclusões, apesar de incompletas, pretendem responder especificamente às questões levantadas pelo Largo São Domingos, ao mesmo tempo que ilustram dinâmicas mais alargadas.

O conjunto das interpretações é analisado e organizado em cinco grandes dinâmicas: (1) a introdução de lógicas empresariais desenvolvidas na gestão de parques temáticos Disney para a gestão do lugar turístico; (2) o novo valor que a fachada ganha na criação de uma imagem de cidade histórica; (3) a utilização do espaço público dependente da capacidade atrativa do lugar; (4) o papel da arte na organização do espaço público e (5) a relação entre diferentes tendências na estética do lugar.

[4.1] O ESPAÇO PÚBLICO SOBRE AS LÓGICAS ‘DISNEY’.

A nova reinterpretação do espaço público em forma de “disneyfication”, segundo Bryman (2004) apresenta 4 eixos principais, (1) “tematização”, (2) homogeneização do consumo, (3) “merchandising” e (4) trabalho emocional.

A tematização do espaço público é o elemento central desta nova dinâmica. Este processo dá-se tanto à escala urbana, como em elementos individuais como lojas, restaurantes e hotéis. Estes diferentes processos de tematização podem ou não coordenar-se com a tematização do espaço urbano, contudo, nas várias expressões da dinâmica, a principal conclusão é que o tema é central. A coerência entre narrativa e desenho é o objetivo principal a ser alcançado nestes espaços. Segundo Ebejer (2014), a narrativa turística e os factos históricos que conta é mais facilmente transmitida podendo aceder ao cenário dos eventos. Assim, justifica-se a existência do cenário que nos permite experimentar o passado. Não muito diferente de visitar o cenário de um filme de Hollywood.

Em segundo lugar, a homogeneização do consumo significa apenas que a diferença entre os tipos e formas de consumo associados, por exemplo, a um shopping, resort, parque temático ou centro histórico perdem, em parte, as suas distinções. Todos estes espaços tentam saciar os desejos dos consumidores com formas e métodos cada vez mais similares. Assim, olhando o lugar, o Porto é cada vez mais um “shopping urbano” ou converte-se cada vez mais num espaço que oferece a mesma experiência de consumo que o shopping, com ruas comerciais e praças de alimentação.

O “merchandising” consiste na venda de produtos ou bens que contêm imagens e logótipos com direitos de autor específicos. A apropriação deste método para a rentabilização de uma cidade ou de diferentes elementos do seu património é clara. Por um lado, em forma de lojas e bancas cobertas de imagens e logos sobre as mais diferentes formas, de camisolas a canetas; por outro lado, a consistência temática, as lojas disponibilizam “merchandising” consistente com o lugar, seja um museu, um palácio ou a cidade, cada um comercializa o seu próprio produto.

Por último, o autor sugere o “trabalho emocional” que pode não ter ainda um resultado comprovado fora dos parques temáticos. Sorkin (1992) salienta que a impressão deixada é que todos os funcionários são muito alegres e disponíveis a ajudar e estão sempre a sorrir. Este facto é desenhado para que seja passada a impressão de que os funcionários também participam da diversão e não estão realmente a efetuar um trabalho real (Bryman, 2004).

Transpondo para o espaço urbano, podemos não encontrar uma ponte direta, contudo, existe uma relação quando observamos o trabalhador sob o ponto de vista da performance no palco do lugar turístico (Maccannell, 1973), que deve a todo o momento representar um papel, previamente ensaiado e recontado de forma performativa cada dia, enquanto responde às inúmeras perguntas, mostrando o conhecimento elevado que tem sobre as narrativas do lugar e de preferência com uma relação emocional profunda com o mesmo.

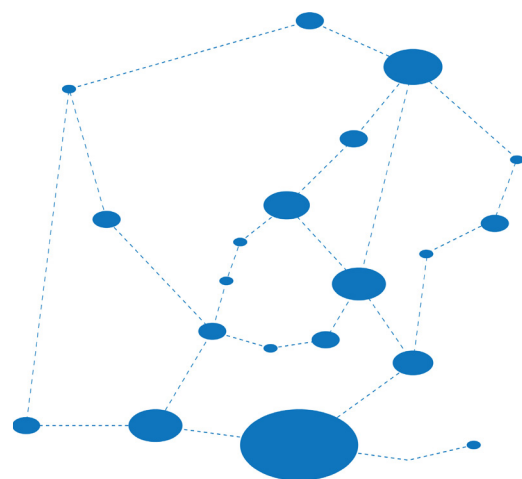
Assim, temos uma “Disneylândia com dimensões de todo o universo.” (Baudrillard, 1978, p. 27).

[4.2] O VALOR DE CENÁRIO SOBRE A “CIDADE”.

Esta questão parece assentar na ideia de que junto do valor financeiro que a cidade ganhou e que converte o espaço urbano num complexo jogo de monopólio, também podemos encontrar um valor de cenário, principalmente nas zonas com maior potencial turístico. A “cidade” desenvolveu um método de reabilitação que se baseia especialmente no chamado “fachadismo”. Este consiste em conservar a fachada mesmo que todo o resto do edifício seja completamente derrubado. Pode afirmar-se então que existe um valor intrínseco associado à fachada que incentiva o trabalho de a conservar. Para explicar esta nova característica exploramos os elementos constituintes do “cenário”.

Este cenário divide-se essencialmente em dois tipos de arquiteturas. Em primeiro lugar, e em lugar de destaque estão as “Arquiteturas Distintas”, aquelas que movem o viajante, que suscitam a visita e que produzem o imaginário. Estas estão nos locais onde se tira mais fotos, onde todos os guias contam uma história e onde todas as atenções se centram na conservação exata e científica do edifício (com as suas devidas lojas de brindes e bilheteiras). As arquiteturas distintas, ou como refere Maccannell (1973), as arquiteturas sacralizadas, são os elementos

atratores e estruturadores no espaço urbano dentro do sistema específico do turismo e de outros. São as que contam as histórias e são as que suscitam a “peregrinação” e nas quais o “gaze” recai (Maccannell,1973) (Urry,1990).



O outro tipo de arquitetura presente no lugar turístico é mais banal, não é parte do motivo da visita, não contém necessariamente nenhuma característica excepcional, pode ser uma casa burguesa ou uma casa “proletária”. No entanto, dentro do marco de conjunto patrimonial de Giovannonni pode ser incluída no entendimento genérico do património como o cenário específico onde a arquitetura distinta é instalada e na qual esta relação é crucial e deve ser preservada. Apesar desse entendimento, não significa que todo o edificado ganhe um caráter equivalente a arquitetura distinta. Aparentemente, apenas a sua forma e fachada podem ser consideradas como tal. O resto é introduzido na máquina imobiliária e turística, convertida na infraestrutura que permite o consumo e a dormida da crescente população móvel. Todas as transformações drásticas se dão neste espaço que converte uma grande proporção da cidade antiga em “camas”, comércio e restaurantes que funcionam como espaço de lazer. Independentemente dos usos e da transformação profunda que este edificado tenha sofrido, a única coisa que não pode acontecer é a desconfiguração do “cenário”.

5. Representação gráfica da estrutura do espaço urbano sobre a lógica atrativo- itinerário.

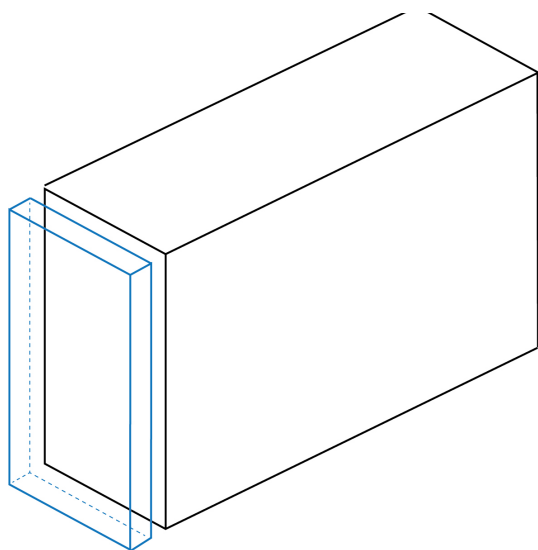
Necessariamente, o valor enquanto cenário da atividade turística parece ser o ideal que se pretende conservar. Portanto, enquanto um turista se move entre os diferentes focos atrativos da cidade, experimenta um cenário consistente com o imaginário da cidade mercantil e portuária que o guia lhe explica. Segundo Ebejer (2014), existe uma relação importante em que a narrativa histórica a partir da qual se cria o imaginário e o lugar turístico mantêm uma relação coerente. Isto deve-se à capacidade de o indivíduo poder re-imaginar a partir do cenário o lugar original e, parafraseando, colocar-se dentro da história.

Por outro lado, a fachada desligada do edifício original existe como simulacro de si mesma (Baudrillard, 1978). O seu valor é apenas o de representar os signos e símbolos da anterior fachada real e responder às expectativas criadas pelas

complexas narrativas sobre o lugar. Assim, citando Baudrillard (1978), a imagem da fachada “mascara a ausência da realidade profunda” ou “não tem nada a ver com nenhum tipo de realidade, é já o seu próprio e puro simulacro.” (p. 14)

Com esta forma de construir, abrimos a porta à cidade hiper-real que se constrói após a morte de todos os seus referentes, “pior ainda – com a sua ressurreição artificial”. (Baudrillard, 1978)

Outro exemplo deste processo é a utilização dos barcos rabelo para ilustrar o cenário que ainda vive do vinho, apesar de já não serem essenciais no seu transporte, são mantidos para corresponder ao imaginário do visitante. A cidade constrói-se através da perspetiva que agentes (empreendedores, administração pública, investidores) têm, sobre o desejo do turista (Baudrillard, 1978) (Stock, 2007).



[4.3] A FESTA COMO USO DE ESPAÇO PÚBLICO.

6. Ilustração do processo de separação da fachada face ao resto do edifício.

O espaço público teve funções muito diversas ao longo da história. A festa sempre foi uma delas, mas na contemporaneidade vemos uma clara especialização dos espaços públicos existentes. A concentração na mobilidade e no consumo parecem ser os elementos principais, contudo, o turismo trouxe uma situação nova a explorar.

O turismo urbano depende necessariamente da utilização intensiva do espaço público da cidade, necessitando haver um reajustamento prévio por parte da administração no espaço público, sobretudo nas áreas que sofrerão mais pressão. Este avanço leva a “pedonalizar” partes da cidade e criar espaços públicos mais generosos. O problema surge quando o uso intensivo do turismo nas zonas especializadas neste setor diminui. O turismo apesar de ser menos sazonal e mais

constante continua a apresentar momentos altos e baixos.

A realidade inconsistente da atividade turística aliada à aplicação do conceito “tourist bubble” (Judd et al, 1999), que resulta na ausência de autóctones e das suas rotinas diárias, apresenta consequências nefastas. Estas resultam no facto de todos os espaços públicos, ruas comerciais e restaurantes criados, se transformem em espaços desprovidos de rotinas no momento em que se verifique uma redução de dormidas turísticas. A aplicação deste conceito, ao contrário de uma aproximação de mistura de usos reduz consideravelmente a resiliência do lugar.

Para combater estes momentos de utilização reduzida, as estratégias de “festivalização” são aplicadas. São criadas festas e festivais que servem de atrativo temporário para o lugar, trazendo de novo locais a participar desta cidade e, em alguns casos, conseguindo também atrair turismo internacional. O expoente máximo desta organização e promoção de espaço urbano pode ser encontrado em Ibiza (Stock, 2007).

[4.4] A ARTE COMO ÚNICA FERRAMENTA DE APROPRIAÇÃO.

A utilização de arte nos lugares turísticos do Porto é interessante, muitas vezes relatada como um museu ao ar livre. Já vimos anteriormente exemplos das duas formas em que esta estratégia de valorização estética do lugar é posta em prática. Por um lado, uma instrumentalização da denominada “arte urbana” e por outro a tradicional arte erudita.

Ambas as formas são utilizadas regularmente nos espaços públicos redesenhados do Porto e obtêm uma densidade e expressão especial no centro histórico. Não é pretendido um julgamento do valor dessa arte nem se a escultura de Alberto Carneiro é mais ou menos legítima que um mural aparentemente anónimo. Poder-se-á questionar o novo valor que a arte obtém dentro do espaço de “cenário”.

Na nossa perspetiva, é necessário preencher os vazios deixados pela gradual exclusão de uma população autóctone que produz símbolos e relações. A arte ocupa este espaço de uma forma mais artificial, planeada e imediata ao contrário das apropriações e signos que se constroem por uma comunidade ao longo de séculos com elementos que nos são deixados, apesar de já desligados da sua referência original. Portanto, podemos ver as intervenções artísticas do espaço público como o método encontrado por uma sociedade urbana contemporânea para intervir em espaços urbanos herdados que perdem “espessura” social (Augé, 1992). A arte surge como um elemento que reintroduz “complexidade” no espaço, marcas de humanidade.

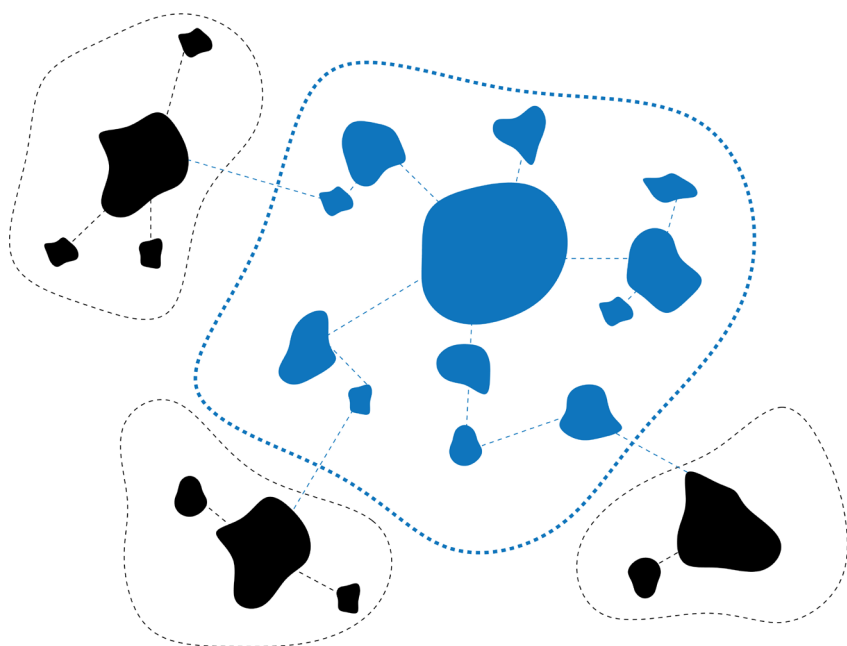
O mesmo podemos encontrar com a decoração dos espaços onde habita o viajante. Este, não passando tempo suficiente para desenvolver o seu próprio sistema relacional com o lugar e apropriações com o seu “gosto” específico, depende da colocação artificial de símbolos e objetos que disfarcem a ausência de significado. Cada espaço é modelado como o fantasma de uma vida que não existe.

[4.5] DIVERSIDADES, CONVERGÊNCIAS E ORIENTALISMOS.

Explorar as opções estéticas no mundo contemporâneo é como abrir uma “caixa de pandora”. As combinações possíveis e o acesso a elementos, que podem ter a sua origem nos mais diversos cantos do planeta, assim como a proliferação de imagens e signos por todo o globo apagaram muito das especificidades locais.

A cidade contemporânea que produz lugares genéricos, um pouco iguais por todo o mundo, neutros (no sentido que não possuem códigos específicos de nenhuma cultura), são definidos por Augé (1992) como “não-lugares”. Koolhaas (2013) pergunta-se se todas as cidades são agora iguais. Esta dinâmica parece possuir dois vértices que tocam diretamente o fenómeno do turismo: por um lado produz espaços vazios de identidade e significado que parecem criar o desejo pelo seu oposto, lugares originais, autênticos, identitários, significantes. A cidade antiga surge como o destino adequado para aproveitar esta nova tendência, pois possui a maior densidade destes tipos de espaço numa área relativamente pequena face às escalas atuais de urbanização. Por outro lado, ao ativar processos de adaptação à atividade turística nos lugares desejados, reintroduzimos também as mesmas características genéricas que queremos evitar? A resposta é complexa, sim e não.

7. Esquema de uma proposta de como pode funcionar a relação entre uma tendência dominante com as suas variantes subordinadas e as tendências que se desenvolvem fora deste regime.



Encontramos certamente tendências estéticas contemporâneas, que criam sinergias específicas com elementos autóctones, mas que pertencem a um estilo internacional. O estilo pode ser definido como “estética airbnb”, ilustrado na figura 110 com exemplos na figura 105 e 106. No entanto, esta convergência não é absoluta, muitas outras estéticas existem dentro da tendência generalizada e outras desenvolvem-se completamente desligadas desta (ex. figuras 99, 100).

Estas perspetivas parecem indicar que de facto existe uma tendência global nos espaços produzidos e uma convergência de gosto em setores da população um pouco por todo o mundo. Porém, existe também uma disposição contraditória, talvez devido à quantidade de oferta, desenvolve-se uma tendência clara para especializar e desenvolver estéticas cada vez mais específicas e complexas. Podemos afirmar então que existem duas linhas evolutivas, não sabemos ainda se a tendência final tenderá à generalização ou à diversificação.

[POS]FÁCIO.

METAMORFOSES.

Esta dissertação começou como a perseguição de uma curiosidade. Uma curiosidade sobre os processos que transformam e convulsionam o território e a cidade. A procura por uma aproximação, e as minhas experiências pessoais, gradualmente associaram dois temas aparentemente dispares, o urbanismo e o turismo. Mais tarde percebi que esta aproximação não era tão inédita como imaginava.

No entanto, este entrelaçar serve para estudar um fenómeno muito atual, pouco estável, mas com enorme capacidade transformativa do espaço urbano.

O início do estudo requereu um esforço para conceber uma análise do lugar baseada nos seus discursos. O trabalho entra num espaço com múltiplas posições ideológicas e regimes de visibilidade em constante mutação. Este facto deixou claro que o estudo do lugar iria necessitar ferramentas que até então não dominava.

A opção de estudar, observar e perceber um lugar e um processo, ao contrário de optar por um trabalho de proposição ou intervenção deveu-se ao facto que observar o processo interventivo que já se encontrava em marcha poderia ilustrar as perguntas, enquanto que uma proposta requeria responder a perguntas ainda não formuladas com processos recentes e mal compreendidos.

Assim, como primeiro momento de abordagem os discursos que se fazem sobre o lugar são a forma de relação com o lugar. Este método permitiu explorar o poder da narrativa na compreensão do espaço e na sua consequente produção do mesmo. A dimensão dialética do lugar foi uma descoberta pessoal neste trabalho e uma particularidade do estudo que nunca tinha defrontado.

O processo metodológico inclinou-se numa direção que se concentrou na observação e documentação do lugar, em forma de relato e fotografia, reorganizado pelo valor de cada elemento como exemplo da “realidade” – efeito demonstração. Esta abordagem é, de alguma forma, muito pessoal. Presume a inserção do investigador dentro do espaço estudado para compreender as suas dinâmicas. Permite visitas e descobertas curiosas, alguns elementos excecionais outros mais banais. Apesar do valor que encontrei nesta opção, outras abordagens completares, mais extensivas e comparativas com outros lugares sem dúvida enriqueceriam as interpretações e dariam maior consistência ao trabalho. Também a complementaridade desta metodologia com dados exaustivos ajudaria a perceber a figura total do turismo.

Porém, este processo deixou algumas mais valias importantes a referir. Comecei este trabalho com algumas perguntas genéricas. Porque nos atraem as cidades? Porque viajamos?

Procurar a resposta a estas perguntas pessoais é um exercício sempre difícil, mas o processo pode deixar-nos algumas lições interessantes. Aprendi com Maccannel e Oakes que o lugar é algo aberto, relacional, em que o eu e o outro se misturam num novo contexto que dilui fronteiras pré-estabelecidas. O direito ao lugar é um direito que o habitante deve partilhar com o resto da humanidade, esse é um direito que todos conquistamos. Não devemos esquecer que o turismo era coisa de poucos. No fundo, este trabalho permitiu-me a possibilidade (algo estranha) de me confrontar com o vergonhoso turista que tenho em mim, o tal idiota viajante, que Urbain diz ser apenas um incompreendido e jovem familiar do viajante, e por isso maltratado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

- Augé, Marc (1992)** Los no lugares. Espacios del anonimato. Barcelona. Editora Gredisa
- Baudrillard, Jean (1978)** Cultura y simulacro. Barcelona. Editorial Kairós
- Bauman, Zygmunt (1998)** Globalization: The Human Consequences. Cambridge Political Press
- Bianchi, Raoul V. (2009)** The 'Critical Turn' in Tourism Studies: A Radical Critique. *Tourism Geographies*. 11:4. pp. 484-504.
- Bismarck, Pedro L. (2018)** A cidade na época da sua reprodutibilidade financeira. *Electra* Nº3
- Brenner, Neil (2009)** What is critical urban theory? *City*, Vol. 13, Nos. 2-3
- Brenner, Neil & Marcuse, Peter (2012)** Cities for people, not for profit. Critical urban theory and the right to the city. London. Routledge.
- Brenner, Neil & Peck, Jamie & Theodore, Nik (2010)** After Neoliberalization? *Globalizations*, Vol 7, No.3, pp. 327-345
- Bryman, Alan (2004)** The disneyization of society. London. Sage Publishers.
- Domingues, Álvaro (2016)** Património: a construção do comum. Porto Património mundial. 20 anos/ 20 fotos.
- Ebejer, John (2014)** Meaning of place and the tourist experience. <https://www.researchgate.net/publication/323677131>
- Falcão, Mário (1999)** O Porto, os planos municipais e o turismo. *Revista da faculdade de letras, Geografia I série*, Vol XV/XVI, Porto, pp. 63-78
- Fernandes, José A. Rio & Carvalho, Luís & Chamusca, Pedro & Mendes, Thiago (2018)** O Porto e a Airbnb. Porto. Book Cover Editora
- Fernades, José A. Rio & Sposito, Maria E. B. (2011)** Dinâmicas recentes e urbanismo na área central do Porto. Morte, resistência, resiliência e elitização no centro histórico e na Baixa A nova vida do velho centro nas cidades portuguesas e brasileiras. Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território.
- Judd, Dennis R. (2003)** The Infrastructure of Play: Building the Tourist City. M. E Sharp. New York.
- Judd, Dennis R. & Fainstein, Susan S. (1999)** The Tourist City. Yale University Press
- Koolhaas, Rem (2013)** Três textos sobre a Cidade. Barcelona. Gustavo Gili.

Lefebvre, Henri (2003) The Urban Revolution. Univ Of Minnesota Press; First edition edition. Originally published in 1970.

Maccannell, Dean. (1973) Staged Authenticity: Arrangement of Social Space in Tourist Settings. American Journal of Sociology - AMER J SOCIOL. 79. 10.1086/225585.

Maccannell, Dean (2015) The tourist and the local. Tourist Studies. Sage. p.1-8. Visualizado em: sagepub.co.uk/journalsPermissions.nav DOI: 10.1177/1468797615618120

Oakes, T. (2005) Tourism and the Modern Subject: Placing the Encounter between Tourist and Other. in C. Cartier and A. Lew (eds) Seductions of Place: Geographical Perspectives on Globalization and Touristed Landscapes. London: Routledge.

Perec, Georges (1974) Espèces d'espaces. Paris. Éditions Galilée

Said, Edward (1978) Orientalism. São Paulo. Companhia das Letras. Visualizado em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1861897/mod_resource/content/1/said%20edward%20w%20-%20orientalismo.pdf

Sassen, Saskia (1991). The Global City: New York, London, Tokyo. Princeton University Press. Visualizado em: <http://www.jstor.org/stable/j.ctt2jc93q>

Sayer, Andrew (1984) Defining the Urban, Geojournal 9, pp. 279-285.

Sequera, Jorge & Nofre, Jordi (2018) Shaken, not stirred: New debates on touristification and the limits of Gentrification. Visualizado em: <https://www.researchgate.net/publication/329249315>

Sorkin, , Michael (1992) Variations on a theme park. New York. Hill and Wang.

Stenhal (1834) Mémoires d'un Touriste. Paris. Michel Lévy frères.

Stock, Mathis (2007) European Cities: Towards a "Recreational Turn"? Hagar. Studies in Culture, Polity and Identities. Visualizado em: <https://www.researchgate.net/publication/37453382>

Urbain, Jean Didier (1993) El idiota que viaja. Relatos de turistas. Turismo y Sociedad. Ediciones Endymion. Visualizado em: <https://vdocuments.mx/el-idiota-que-viaja.html>

Urry, John. (1990). The tourist gaze : leisure and travel in contemporary societies. London. Newbury Park. Sage Publications

Venturi, Robert & Brown, Denise S. & Izenour, Steven (1977) Learning from Las Vegas. The forgotten Symbolism of Architecture. London. Cambrigde Press

Wachsmuth, David (2014) City as Ideology: Reconciling the Explosion of the City Form with the Tenacity of the City Concept, Environment and Planning D: Society and Space 2014, Vol. 32 pp. 75-90.

ELECTRÓNICAS.

<https://guia.melhoresdestinos.com.br/porto-158-c.html>

<https://www.theverge.com/2016/8/3/12325104/airbnb-aesthetic-global-minimalism-startup-gentrification>

SRU Porto Vivo - <http://www.portovivosru.pt/>

REFERÊNCIAS ICONOGRÁFICAS.

As figuras, na sua maioria são pertencem ao autor deste trabalho, com excepção das seguintes:

FIGURA 42 - <http://www.portovivosru.pt/>

FIGURA 43 - <https://www.airbnb.pt/>

FIGURA 44 - <https://www.booking.com/index.pt-pt.html>

FIGURA 45 - <https://www.tripadvisor.pt/>

FIGURA 47 - <https://saodomingosbyoportotouristapartments.pt-portugal.com/>

FIGURA 48 - <http://portoby.livrarialello.pt/rua-das-flores-antiga-rua-dos-mercadores-da-aristocracia-das-ruas-in-da-baixa-da-cidade-hoteis-charme-restaurantes-topo/>

FIGURA 50 - <https://www.the-yeatman-hotel.com/pt/porto/gastronomia-porto/>

FIGURA 66 - <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/74300>

FIGURA 70 - <https://fr.yelp.be/biz/restaurant-tra%C3%A7a-porto>

FIGURA 72 - https://www.google.pt/maps/place/Claus+Porto/@41.1435074,-8.6143906,3a,75y,90t/data=!3m8!1e2!3m6!1sAF1QipND5vbqWHoVGcPmsnpfyWXq_fR15Nr7lxd7vwmX!2e10!3e12!6shttps:%2F%2Fh5.googleusercontent.com%2Fp%2FAF1QipND5vbqWHoVGcPmsnpfyWXq_fR15Nr7lxd7vwmX%3Dw-86-h129-k-no!7i1365!8i2048!4m8!1m2!2m1!1srua+das+flores!3m4!1soxd2464e18d-d5ec21:0x766a2f245b623b52!8m2!3d41.1434711!4d-8.6143535

FIGURA 73 -

FIGURA 75 - <http://sensesofcinema.com/2017/1967/playtime/>

FIGURA 77 - https://www.google.pt/maps/place/Porto+A.S.+1829+Hotel/@41.1428102,-8.614896,3a,90.5y,90t/data=!3m8!1e2!3m6!1sAF1QipPKGe3Jt4ZDUL6g42MnHkpNzKhq6n-8_qgLRMk5!2e10!3e12!6shttps:%2F%2Fh5.googleusercontent.com%2Fp%2FAF1QipPKGe3Jt4ZDUL6g42MnHkpNzKhq6n-8_qgLRMk5%3Dw203-h138-k-no!7i950!8i650!4m11!1m2!2m1!1srua+das+flores!3m7!1soxd2464e1ecc6bfcf:ox1cd70394ff384bbo!5m2!4m1!1i2!8m2!3d41.1429601!4d-8.6149221

FIGURA 78 - https://www.booking.com/hotel/pt/sao-domingos-39-flowers-apartments-by-jc.pt-pt.html?aid=397594;label=gog235jc-1DCAEoggl46AdIH1g-DaLsBiAEBmAefuAEXyAEM2AED6AEB-AECiAIBqAIDuAKOwsTsBcACAQ;sid=ae-e5373765begdf2efa2bd6504d82da8;atlas_src=sr_iw_title;dist=0;group_adults=2;room1=A%2CA;sb_price_type=total;type=total;ucfs=1&

FIGURA 79 - https://www.google.pt/maps/place/Armaz%C3%A9m+Luxury+Housing/@41.1428294,-8.6145661,3a,77.3y,90t/data=!3m8!1e2!3m6!1sAF1QipODx_uX6p8rJdkWJpLyd5RHN2-vwJjIRXBGoqf7!2e10!3e12!6shttps:%2F%2Fh5.googleusercontent.com%2Fp%2FAF1QipODx_uX6p8rJdkWJpLyd5RHN2-vwJjIRXBGoqf7%3Dw203-h139-k-no!7i1200!8i824!4m11!1m2!2m1!1srua+das+flores!3m7!1soxd2464e19265758d:oxf744edcfd867e130!5m2!4m1!1i2!8m2!3d41.1432722!4d-8.6144829

FIGURA 80 - https://www.google.pt/maps/place/Armaz%C3%A9m+Luxury+Housing/@41.1428294,-8.6145661,3a,77.3y,90t/data=!3m8!1e2!3m6!1sAF1QipOopM-3xoL7pw1Yzol_DakecAvoF4loiRpakWXwP!2e10!3e12!6shttps:%2F%2Fh5.googleusercontent.com%2Fp%2FAF1QipOopM-3xoL7pw1Yzol_DakecAvoF4loiRpakWXwP%3Dw203-h130-k-no!7i1200!8i773!4m11!1m2!2m1!1srua+das+flores!3m7!1soxd2464e19265758d:oxf744edcfd867e130!5m2!4m1!1i2!8m2!3d41.1432722!4d-8.6144829

FIGURA 81 - https://www.booking.com/hotel/pt/sao-domingos-39-flowers-apartments-by-jc.pt-pt.html?aid=397594;label=gog235jc-1DCAEoggl46AdIH1g-DaLsBiAEBmAefuAEXyAEM2AED6AEB-AECiAIBqAIDuAKOwsTsBcACAQ;sid=ae-e5373765begdf2efa2bd6504d82da8;atlas_src=sr_iw_title;dist=0;group_adults=2;room1=A%2CA;sb_price_type=total;type=total;ucfs=1&

FIGURA 82 - <https://www.google.pt/maps/place/Porto+A.S.+1829+Hotel/@41.1428102,-8.614896,3a,75y,90t/data=!3m8!1e2!3m6!1sAF1QipOj3CaomwarpAiLVQS6BSlcBOrce5uxwsjKLkox!2e10!3e12!6shttps:%2F%2Fh5.googleusercontent.com%2Fp%2FAF1QipOj3CaomwarpAiLVQS6BSlcBOrce5uxwsjKLkox%3Dw86-h86-k-no!7i1171!8i1168!4m11!1m2!2m1!1srua+das+flores!3m7!1soxd2464e1ecc6bfcf:ox1cd70394ff384bbo!5m2!4m1!1i2!8m2!3d41.1429601!4d-8.6149221>

FIGURA 83 - https://www.booking.com/hotel/pt/tpc-sao-domingos.pt-pt.html?aid=397594;label=gog235jc-1DCAEoggl46AdIH1gDaLSBiAEB-mAEfuAEXyAEM2AED6AEB-AECiAIBqAIDuAKOwsTsBcACAQ;sid=aee5373765be-9df2efa2bd6504d82da8;atlas_src=sr_iw_title;dist=0;group_adults=2;room1=A%-2CA;sb_price_type=total;type=total;ucfs=1&

FIGURA 84 - <https://www.google.pt/maps/place/Armaz%C3%A9m+Luxury+Housing/@41.1428294,-8.6145661,3a,75y,90t/data=!3m8!1e2!3m6!1sAF1QipNKQ-CivaLy1GKumujSwN2otYkLVFke1e7NNfg9X!2e10!3e12!6shttps:%2F%2Fh5.googleusercontent.com%2Fp%2FAF1QipNKQ-CivaLy1GKumujSwN2otYkLVFke1e7NNfg9X%3Dw203-h287-k-no!7i1200!8i1697!4m11!1m2!2m1!1srua+das+flores!3m7!1soxd2464e19265758d:oxf744edcfd867e130!5m2!4m1!1i2!8m2!3d41.1432722!4d-8.6144829>

FIGURA 85 - https://www.booking.com/hotel/pt/tpc-sao-domingos.pt-pt.html?aid=397594;label=gog235jc-1DCAEoggl46AdIH1gDaLSBiAEB-mAEfuAEXyAEM2AED6AEB-AECiAIBqAIDuAKOwsTsBcACAQ;sid=aee5373765be-9df2efa2bd6504d82da8;atlas_src=sr_iw_title;dist=0;group_adults=2;room1=A%-2CA;sb_price_type=total;type=total;ucfs=1&

FIGURA 86 - https://www.booking.com/hotel/pt/tpc-sao-domingos.pt-pt.html?aid=397594;label=gog235jc-1DCAEoggl46AdIH1gDaLSBiAEB-mAEfuAEXyAEM2AED6AEB-AECiAIBqAIDuAKOwsTsBcACAQ;sid=aee5373765be-9df2efa2bd6504d82da8;atlas_src=sr_iw_title;dist=0;group_adults=2;room1=A%-2CA;sb_price_type=total;type=total;ucfs=1&

FIGURA 87 - https://www.booking.com/hotel/pt/oporto-tourist-apartments-sao-domingos.pt-pt.html?aid=397594;label=gog235jc-1DCAEoggl46AdIH1gDaLSBiAEB-mAEfuAEXyAEM2AED6AEB-AECiAIBqAIDuAKOwsTsBcACAQ;sid=aee5373765be-9df2efa2bd6504d82da8;atlas_src=sr_iw_title;dist=0;group_adults=2;room1=A%-2CA;sb_price_type=total;type=total;ucfs=1&

FIGURA 89 - https://www.booking.com/hotel/pt/sao-domingos-39-flowers-apartments-by-jc.pt-pt.html?aid=397594;label=gog235jc-1DCAEoggl46AdIH1gDaLSBiAEB-mAEfuAEXyAEM2AED6AEB-AECiAIBqAIDuAKOwsTsBcACAQ;sid=aee5373765be-9df2efa2bd6504d82da8;atlas_src=sr_iw_title;dist=0;group_adults=2;room1=A%-2CA;sb_price_type=total;type=total;ucfs=1&

FIGURA 90 - https://www.booking.com/hotel/pt/tpc-sao-domingos.pt-pt.html?aid=397594;label=gog235jc-1DCAEoggl46AdIH1gDaLSBiAEB-mAEfuAEXyAEM2AED6AEB-AECiAIBqAIDuAKOwsTsBcACAQ;sid=aee5373765be-9df2efa2bd6504d82da8;atlas_src=sr_iw_title;dist=0;group_adults=2;room1=A%-2CA;sb_price_type=total;type=total;ucfs=1&

FIGURA 91 - https://www.google.pt/maps/place/Armaz%C3%A9m+Luxury+Housing/@41.1428294,-8.6145661,3a,77.3y,90t/data=!3m8!1e2!3m6!1sAF1QipN-Q2Ptxm9XUlK85aN-MFYVipqQ!1Pg7dS3ZKz_c!2e10!3e12!6shttps:%2F%2F!h5.googleusercontent.com%2Fp%2FAF1QipN-Q2Ptxm9XUlK85aN-MFYVipqQ!1Pg7dS3ZKz_c%3Dw203-h144-k-no!7i1200!8i857!4m11!1m2!2m1!1srua+das+flores!3m7!1soxd2464e19265758d:oxf744edcfd867e130!5m2!4m1!1i2!8m2!3d41.1432722!4d-8.6144829

FIGURA 93 - (retirada)

FIGURA 94 - https://www.google.pt/maps/place/Porto+A.S.+1829+Hotel/@41.1428102,-8.614896,3a,75y,90t/data=!3m8!1e2!3m6!1shttps:%2F%2F!h5.trvl-media.com%2Fhotels%2F11000000%2F10090000%2F10086500%-2F10086472%2Fc556d328_z.jpg!2e7!3e27!6s%2F%2F!h6.googleusercontent.com%2Fproxy%2F9Owr3YRVNXvaMIBDCz4mJm2q9PlaB4G9eBIGiO-CuH3IEp8xMtm5TbRxakCyZnh3jfKHzon_SiVXZsPCN_OkoBcjhzDTPw3kQ-MFPb-dXPbv_DshQaoylA5d1sGv_iJcl4mEzoJSYSH3yQJaDN-odfMsxNU-dS6Nc%3Dw-203-h308-k-no!7i658!8i1000!4m11!1m2!2m1!1srua+das+flores!3m7!1soxd2464e1ec-c6bfcf:ox1cd70394ff384bb0!5m2!4m1!1i2!8m2!3d41.1429601!4d-8.6149221

FIGURA 95 - <https://www.google.pt/maps/place/Armaz%C3%A9m+Luxury+Housing/@41.1428294,-8.6145661,3a,77.3y,90t/data=!3m8!1e2!3m6!1sAF1QipMUK-qQFhSHxf2NGEE-IT7mnKKfOelbR2F9kz9Ku!2e10!3e12!6shttps:%2F%2F!h5.googleusercontent.com%2Fp%2FAF1QipMUK-qQFhSHxf2NGEE-IT7mnKKfOelbR-2F9kz9Ku%3Dw203-h134-k-no!7i1200!8i793!4m11!1m2!2m1!1srua+das+flores!3m7!1soxd2464e19265758d:oxf744edcfd867e130!5m2!4m1!1i2!8m2!3d41.1432722!4d-8.6144829>

FIGURA 96 - https://www.google.pt/maps/place/Porto+A.S.+1829+Hotel/@41.1428102,-8.614896,3a,75y,90t/data=!3m8!1e2!3m6!1sAF1QipMPlpnwm-QwG7_DB6lovbwCPXIYZEB7Evr1uOTap!2e10!3e12!6shttps:%2F%2F!h5.googleusercontent.com%2Fp%2FAF1QipMPlpnwm-QwG7_DB6lovbwCPXIYZEB7Evr1uOTap%3Dw203-h106-k-no!7i7000!8i3688!4m11!1m2!2m1!1srua+das+flores!3m7!1soxd2464e1ecc6bfcf:ox1cd70394ff384bb0!5m2!4m1!1i2!8m2!3d41.1429601!4d-8.6149221

FIGURA 97 - https://www.google.pt/maps/place/Armaz%C3%A9m+Luxury+Housing/@41.1428294,-8.6145661,3a,75y,90t/data=!3m8!1e2!3m6!1sAF1QipN-26mEIL5vyw8J_vZvrha1cxbVH6iFLOy8GuGAB!2e10!3e12!6shttps:%2F%2F!h5.googleusercontent.com%2Fp%2FAF1QipN-26mEIL5vyw8J_vZvrha1cxbVH6iFLOy8GuGAB%3Dw203-h304-k-no!7i1200!8i1800!4m11!1m2!2m1!1srua+das+flores!3m7!1soxd2464e19265758d:oxf744edcfd867e130!5m2!4m1!1i2!8m2!3d41.1432722!4d-8.6144829

FIGURA 98 - https://www.booking.com/hotel/pt/oporto-tourist-apartments-sao-domingos.pt-pt.html?aid=397594;label=gog235jc-1DCAEoggl46AdIH1gDaLsBiAEBmAEfuAEXyAEM2AED6AEB-AECiAlBqAlDuAKOwsTsBcACAQ;sid=aee5373765be-9df2efa2bd6504d82da8;atlas_src=sr_iw_title;dist=0;group_adults=2;room1=A%-2CA;sb_price_type=total;type=total;ucfs=1&

FIGURA 99 - https://www.booking.com/hotel/pt/sao-domingos-39-flowers-apartments-by-jc.pt-pt.html?aid=397594;label=gog235jc-1DCAEoggl46AdIH1gDaLsBiAEBmAEfuAEXyAEM2AED6AEB-AECiAlBqAlDuAKOwsTsBcACAQ;sid=aee5373765be-9df2efa2bd6504d82da8;atlas_src=sr_iw_title;dist=0;group_adults=2;room1=A%-2CA;sb_price_type=total;type=total;ucfs=1&

FIGURA 100 - <https://www.portugalfinest.pt/places/mmaison-particuliere/>

FIGURA 101 - https://www.booking.com/hotel/pt/sao-domingos-39-flowers-apartments-by-jc.pt-pt.html?aid=397594;label=gog235jc-1DCAEoggl46AdIH1gDaLsBiAEBmAEfuAEXyAEM2AED6AEB-AECiAlBqAlDuAKOwsTsBcACAQ;sid=aee5373765be-9df2efa2bd6504d82da8;atlas_src=sr_iw_title;dist=0;group_adults=2;room1=A%-2CA;sb_price_type=total;type=total;ucfs=1&

FIGURA 102 - https://www.booking.com/hotel/pt/tpc-sao-domingos.pt-pt.html?aid=397594;label=gog235jc-1DCAEoggl46AdIH1gDaLsBiAEBmAEfuAEXyAEM2AED6AEB-AECiAlBqAlDuAKOwsTsBcACAQ;sid=aee5373765be-9df2efa2bd6504d82da8;atlas_src=sr_iw_title;dist=0;group_adults=2;room1=A%-2CA;sb_price_type=total;type=total;ucfs=1&

FIGURA 103 - https://www.booking.com/hotel/pt/tpc-sao-domingos.pt-pt.html?aid=397594;label=gog235jc-1DCAEoggl46AdIH1gDaLsBiAEBmAEfuAEXyAEM2AED6AEB-AECiAlBqAlDuAKOwsTsBcACAQ;sid=aee5373765be-9df2efa2bd6504d82da8;atlas_src=sr_iw_title;dist=0;group_adults=2;room1=A%-2CA;sb_price_type=total;type=total;ucfs=1&

FIGURA 104 - <https://www.portugalfinest.pt/places/mmaison-particuliere/>

FIGURA 105 - https://www.google.pt/maps/place/Armaz%C3%A9m+Luxury+Housing/@41.1428294,-8.6145661,3a,97.6y,90t/data=!3m8!1e2!3m6!1shttps:%2F%2Fbstatic.com%2Fxd%2Fw%2Fhotel%2F840x460_watermarked_standard_bluecom%2FU5cFgPVxU5pzywwLOqHUAmj2GAgiV-RndoHxXB48S-TFN5JtaCt41INIEUXdPpq56zwoKFTFRkkRWkGJGrer1JJgzeSGwlpwy3q8gmw-Qn4lJBcgcpVOrH9cp6x_AAP.jpg!2e7!3e27!6s%2F%2Fh3.googleusercontent.com%2Fproxy%2FaojI8xdoV9INBdMvCbRAsx28hWsE-rYGVVijDMhxkUD-cE6wVzks1nGLiLPIUZt2Xx_8FlwOaqrRwbughx3_DoOlRF7-PeLQ71GofyDsl-juM9YLHeV6uw42PJqGJbYyqD8eve6u6DjAyjrjYkcmZcE_hWV2BDA%3Dw203-h-111-k-no!7i840!8i460!4m1!1m2!2m1!1srua+das+flores!3m7!1soxd2464e19265758d:oxf744edcfd867e130!5m2!4m1!1i2!8m2!3d41.1432722!4d-8.6144829

FIGURA 106 - https://www.google.pt/maps/place/Armaz%C3%A9m+Luxury+Housing/@41.1428294,-8.6145661,3a,75y,90t/data=!3m8!1e2!3m6!1sAF1QipM5xaluGGU8Y-JoO4iRgCiW_gEArymS3h7pzKYq!2e10!3e12!6shttps:%2F%2Fh5.googleusercontent.com%2Fp%2FAF1QipM5xaluGGU8Y-JoO4iRgCiW_gEArymS3h7pzKYq%3Dw203-h273-k-no!7i1200!8i1616!4m1!1m2!2m1!1srua+das+flores!3m7!1soxd2464e19265758d:oxf744edcfd867e130!5m2!4m1!1i2!8m2!3d41.1432722!4d-8.6144829

FIGURA 107 - <https://www.google.pt/maps/place/Restaurante+Tra%C3%A7a/@41.1430108,-8.6145999,3a,86.3y,90t/data=!3m8!1e2!3m6!1sAF1QipPCgwKKyoNr3GfL-obwqCfhvOzTvughSNouCrXS!2e10!3e12!6shttps:%2F%2Fh5.googleusercontent.com%2Fp%2FAF1QipPCgwKKyoNr3GfL-obwqCfhvOzTvughSNouCrXS%3Dw203-h152-k-no!7i1024!8i768!4m8!1m2!2m1!1srua+das+flores!3m4!1soxd2464e19360f6df:oxd327bba21badd32d!8m2!3d41.1430106!4d-8.6146002>

FIGURA 108 - https://www.google.pt/maps/place/Puro+4050/@41.1430829,-8.6145886,3a,75y,90t/data=!3m8!1e2!3m6!1sAF1QipNolfs6Ls2Z6zoVKPNLDFHD5SoxyJksMv7B_HYS!2e10!3e12!6shttps:%2F%2Fh5.googleusercontent.com%2Fp%2FAF1QipNolfs6Ls2Z6zoVKPNLDFHD5SoxyJksMv7B_HYS%3Dw114-h86-k-no!7i4032!8i3024!4m8!1m2!2m1!1srua+das+flores!3m4!1soxo:ox35bbob-836507c462!8m2!3d41.1430829!4d-8.6145887

FIGURA 109 - <https://www.google.pt/maps/place/Puro+4050/@41.1430829,-8.6145886,3a,75y,90t/data=!3m8!1e2!3m6!1sAF1QipNyfoweotXzST6YXxofz4CyT-JqiyRVMoMN7UyKb!2e10!3e12!6shttps:%2F%2Fh5.googleusercontent.com%2Fp%2FAF1QipNyfoweotXzST6YXxofz4CyT-JqiyRVMoMN7UyKb%3Dw203-h152-k-no!7i4032!8i3024!4m8!1m2!2m1!1srua+das+flores!3m4!1soxo:ox35bbob836507c462!8m2!3d41.1430829!4d-8.6145887>

FIGURA 110 - <https://www.theverge.com/2016/8/3/12325104/airbnb-aesthetic-global-minimalism-startup-gentrification>

